**Universidade do Minho**
Escola de Arquitetura, Arte e Design

João Miguel Rodrigues Pereira

# (Re)Habitar o Centro:
## Intervenções no Convento das Dominicas e na Casa da Liberdade, em Guimarães

Volume I

junho de 2026

(Re)Habitar o Centro: Intervenções no Convento das Dominicas e na Casa da Liberdade, em Guimarães
João Miguel Rodrigues Pereira
Uminho | 2026

**Universidade do Minho**
Escola de Arquitetura, Arte e Design

João Miguel Rodrigues Pereira

# (Re)Habitar o Centro:
## Intervenções no Convento das Dominicas e na Casa da Liberdade, em Guimarães

Trabalho de projeto
Mestrado Integrado em Arquitetura
Cultura Arquitetónica

Trabalho efetuado sob a orientação do
**Professor Doutor José Manuel Couto Ramos Capela**

junho de 2026

**Direitos de Autor e condições de utilização do trabalho por terceiros**

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.
Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.
Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



**Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual**
**CC BY-NC-SA**

https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/

**Declaração de Integridade**

Declaro ter atuado com integridade na elaboração da presente tese. Confirmo que em todo o trabalho conducente à sua elaboração não recorri à prática de plágio ou a qualquer forma de falsificação de resultados.
Mais declaro que tomei conhecimento integral do Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

**Declaração de uso de ferramentas de Inteligência Artificial (IA)**

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri a qualquer forma de utilização indevida de ferramentas de Inteligência Artificial (IA), nem à falsificação ou omissão de informações, fontes, dados, resultados ou processos em nenhuma das etapas conducentes à sua elaboração.
Declaro ainda que qualquer utilização de ferramentas de IA foi feita de forma transparente e responsável, encontrando-se devidamente assinalada/descrita no trabalho, e que procedi à verificação crítica da exatidão do conteúdo produzido com o seu apoio, assumindo integralmente a responsabilidade pelo que submeto.
Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Ética e Conduta da Universidade do Minho, bem como as normas aplicáveis de integridade académica e de proteção de dados.

Universidade do Minho, junho de 2026
*João Miguel Rodrigues Pereira*

**Agradecimentos**

**Aos professores** que acompanharam o meu percurso académico, pela disponibilidade, exigência e partilha de conhecimento.

**Ao meu orientador**, José Capela, por me desafiar a pensar a arquitetura de forma crítica, livre e exigente.

**Aos meus amigos**, pela companhia, pela motivação e por tornarem este percurso inesquecível. Levo comigo as conversas, os momentos de partilha, as dificuldades atravessadas em conjunto e todas as experiências que marcaram estes anos. Um agradecimento especial ao Tiago, pela presença e pela partilha desta etapa final.

**À minha família**, pelo apoio constante, pela entreajuda diária e pela estabilidade que me permitiu crescer, aprender e concluir esta etapa.

**Ao meu pai**, pelo exemplo de trabalho, sacrifício e perseverança.

A ti, **mãe**, pelo apoio incondicional, pela presença constante e por acreditares sempre em mim.

**Resumo**

O presente trabalho desenvolve uma proposta de reocupação do centro histórico de Guimarães através de programas culturais entendidos como motor de fixação populacional. Partindo da leitura de dinâmicas associadas ao esvaziamento residencial, à utilização temporária e à crescente (sobre)valorização turística dos centros históricos, o projeto procura ensaiar uma estratégia capaz de reforçar a permanência habitacional, cultural e social no tecido urbano existente.

A proposta incide sobre dois edifícios pré-existentes: o Convento das Dominicas e a Casa da Liberdade. O programa distribui-se pelos dois edifícios, entendidos como estruturas agora complementares: o primeiro destinado à atividade, produção e exposição artística; o segundo orientado para a habitação em regime de residência artística.

A intervenção procura articular património, cultura e habitação, entendendo a reutilização adaptativa não apenas como operação de preservação material, mas como estratégia ativa de transformação urbana. O programa é definido a partir das características espaciais de cada edifício, procurando intervir de forma contida, respeitando as pré-existências e adaptando-as a novos usos coletivos.

O projeto propõe a cultura não como evento isolado ou consumo temporário, mas como estrutura capaz de reforçar a qualidade de vida das comunidades residentes e atrair novas formas de permanência no centro histórico.

Cultura | Reabilitação | Habitação | Convento das Dominicas | Casa da Liberdade

**Abstract**

This work develops a proposal for the reoccupation of the historic centre of Guimarães through cultural programmes understood as a driver of population fixation. Based on an analysis of dynamics associated with residential decline, temporary use and the increasing tourist-oriented (over)valorization of historic centres, the project explores a strategy capable of reinforcing residential, cultural and social permanence within the existing urban fabric.

The proposal focuses on two pre-existing buildings: the Convent of Dominicas and the Casa da Liberdade. The programme is distributed between these two complementary structures: the former dedicated to artistic activity, production and exhibition; the latter oriented towards housing through an artistic residency model.

The intervention seeks to articulate heritage, culture and housing, understanding adaptive reuse not merely as an operation of material preservation, but as an active strategy for urban transformation. The programme is defined according to the spatial characteristics of each building, aiming for a contained intervention that respects the pre-existences while adapting them to new collective uses.

The project proposes culture not as an isolated event or form of temporary consumption, but as a structure capable of improving the quality of life of resident communities and attracting new forms of permanence to the historic centre.

Culture | Rehabilitation | Habitação | Convento das Dominicas | Casa da Liberdade

# Índice


**1 Introdução**

1.1 Enquadramento do tema

1.2 Objetivos e motivações

1.3 Recursos

1.4 Metodologia

1.5 Estrutura do trabalho

**2 Enquadramento Teórico**

2.1 Decrescimento urbano e fixação populacional

2.2 Cultura como motor de ativação urbana

2.3 Património e reutilização adaptativa

**3 Contexto Urbano**

3.1 Turistificação e habitação temporária

3.2 Caso de estudo: O centro histórico de Guimarães

3.3 Edifícios devolutos como oportunidade de reocupação

3.3.1 Convento das Dominicas

3.3.2 Casa de Cimães

**4 Estratégia de Intervenção**

4.1 Programa

4.1.1 Polo Artístico e Cultural

4.1.2 Residência Criativa

**5 Projeto**

5.1 Convento das Dominicas

5.1.1 Distribuição funcional

5.1.2 Igreja como espaço de eventos

5.1.3 Claustro como espaço de convivência e eventos

5.1.4 Ateliers e ocupação das alas conventuais

5.1.5 Materialidade e Linguagem

5.2 Casa da Liberdade

5.2.1 Estratégia habitacional e ideia de comunidade

5.2.2 Organização dos espaços comuns

5.2.3 Tipologias

**6 Considerações Finais**

Bibliografia | Índice de Imagens

# 1 Introdução

## 1.1 Enquadramento do tema

O presente trabalho desenvolve-se em torno da fixação populacional e da permanência urbana em centros históricos. Parte-se da ideia de que estes territórios não devem ser entendidos apenas como espaços patrimoniais, turísticos ou de visita, mas como lugares capazes de acolher habitação, trabalho, encontro e vida quotidiana.

Neste enquadramento, a cultura é entendida como uma possível ferramenta de ativação e permanência. Mais do que funcionar apenas como evento pontual ou consumo temporário, os programas culturais podem contribuir para gerar uso continuado, atrair comunidades e reforçar a presença diária no centro urbano.

O trabalho incide sobre a proposta de reabilitação de duas pré-existências localizadas no centro histórico de Guimarães — o Convento de Santa Rosa de Lima, popularmente conhecido como Convento das Dominicas, e a Casa de Cimães, designada neste trabalho como Casa da Liberdade.



## 1.2 Objetivos e motivações

A motivação principal deste trabalho nasce de uma preocupação com a perda de habitação permanente nos centros históricos e com a tendência crescente para a sua utilização temporária. Trata-se de uma realidade cada vez mais presente nas cidades contemporâneas, onde muitos centros urbanos, apesar do seu forte valor patrimonial, cultural e turístico, vão perdendo capacidade de fixar moradores e de sustentar uma vida quotidiana contínua. A valorização destes territórios nem sempre se traduz em permanência, comunidade ou uso diário, podendo antes reforçar lógicas de visita, consumo e ocupação pontual.

A esta preocupação urbana junta-se um interesse pessoal pela reabilitação do património edificado e pela capacidade da arquitetura em devolver uso a estruturas abandonadas, devolutas ou subutilizadas. Interessa-me perceber de que forma edifícios existentes, muitas vezes marcados por processos de perda funcional, podem voltar a participar ativamente na cidade através de novas formas de ocupação.

O trabalho surge precisamente do cruzamento entre estas duas questões: por um lado, a necessidade de contrariar a dispersão urbana e reforçar a permanência nos centros históricos; por outro, a possibilidade de o fazer através da reocupação do património existente.

## 1.3 Recursos

O desenvolvimento do trabalho apoiou-se num conjunto de recursos técnicos e documentais que permitiram compreender as pré-existências e fundamentar a proposta de intervenção. Entre estes recursos destaca-se o levantamento arquitetónico do Convento das Dominicas, facultado pelo arquiteto João Pereira Silva, da Câmara Municipal de Guimarães, divisão do Património Mundial e Bens Classificados.

Para além deste levantamento, foi consultada a plataforma SIPA, que se revelou particularmente útil na caracterização do Convento das Dominicas e da Casa de Cimães, permitindo recolher informação histórica, arquitetónica e patrimonial sobre os dois edifícios. Esta informação foi complementada pela dissertação de mestrado "Arquitectura Espontânea: O Convento das Dominicas", de Daniel Santos Costa, desenvolvida no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura da Universidade do Minho, em 2017.

A estes elementos juntaram-se visitas ao local, registos fotográficos, observação direta e ortofotomapas. O cruzamento destes recursos permitiu construir uma leitura mais rigorosa do estado atual dos edifícios, da sua relação com o centro histórico e das possibilidades de transformação.



## 1.4 Metodologia

A metodologia do trabalho desenvolveu-se através da articulação entre investigação teórica e desenvolvimento projetual. Numa primeira fase, no âmbito da UC Atelier Integrado, foram estudados temas relacionados com o decrescimento urbano, a fixação populacional, a cultura enquanto motor de ativação urbana e a reutilização adaptativa do património edificado.

Nesta fase, foi realizada uma aproximação direta ao centro histórico de Guimarães através de momentos de circulação, deambulação e observação pedonal. Este contacto com o território permitiu identificar situações de subutilização, edifícios devolutos e oportunidades de intervenção, conduzindo à escolha do Convento das Dominicas e da Casa da Rua da Liberdade como objetos de intervenção do presente trabalho.

Numa segunda fase, no âmbito da UC Trabalho de Projeto, foi desenvolvido o projeto de arquitetura em regime de atelier. Este processo permitiu trabalhar diferentes momentos do método projetual, desde a definição do programa à organização funcional e espacial, passando pela identificação de demolições necessárias, pela introdução de novas adições e pela adaptação das pré-existências a novos usos. O projeto resultou, assim, de uma sequência de decisões progressivas, orientadas pela relação entre tema, lugar, programa e edifício existente.

## 1.5 Estrutura do trabalho

De modo a garantir uma leitura clara do processo de trabalho e apresentar de forma organizada os elementos desenvolvidos, o presente trabalho encontra-se estruturado em dois volumes:

I. Relatório
O primeiro volume reúne a componente escrita do trabalho e encontra-se organizado em seis capítulos:

1 - Introdução
Apresenta o tema, os objetivos e motivações do trabalho, os recursos utilizados e a metodologia adotada.
2 - Enquadramento teórico
Desenvolve os principais conceitos que sustentam o trabalho, nomeadamente o decrescimento urbano, a fixação populacional, a cultura como motor de ativação urbana e a reutilização adaptativa do património.
3 - Contexto urbano
Analisa o centro histórico de Guimarães, abordando temas como turismo, desertificação e habitação temporária. Neste capítulo são também caracterizadas as duas pré-existências selecionadas para a intervenção.
4 - Estratégia de Intervenção
Expõe o conceito geral da proposta e o programa dos dois edifícios, explicando de que forma estes se articulam enquanto sistema cultural e habitacional.
5 - Projeto
Apresenta o desenvolvimento da proposta, descrevendo as intervenções realizadas no Convento das Dominicas e na Casa da Liberdade, bem como as principais decisões espaciais, programáticas e materiais.
6 - Considerações finais
Reúne as principais conclusões do trabalho.

II. Peças desenhadas
O segundo volume reúne as peças desenhadas desenvolvidas ao longo do trabalho. Incluem-se plantas, cortes, alçados, axonometrias e pormenores construtivos necessários à compreensão do projeto.
Estas peças complementam o relatório escrito, permitindo compreender a lógica espacial, funcional, construtiva e material das intervenções propostas.

# 2 Enquadramento Teórico

## 2.1 Decrescimento urbano e fixação populacional

No contexto deste trabalho, o decrescimento urbano é entendido como uma crítica à cidade dispersa e à expansão contínua do território urbanizado. Mais do que propor uma redução da cidade, interessa aqui questionar modelos de crescimento que se apoiam na separação funcional, no consumo extensivo de solo e na dependência permanente da deslocação. A cidade dispersa tende a afastar habitação, trabalho, comércio, equipamentos e espaços de encontro, produzindo uma estrutura urbana fragmentada e menos capaz de sustentar vida quotidiana próxima.

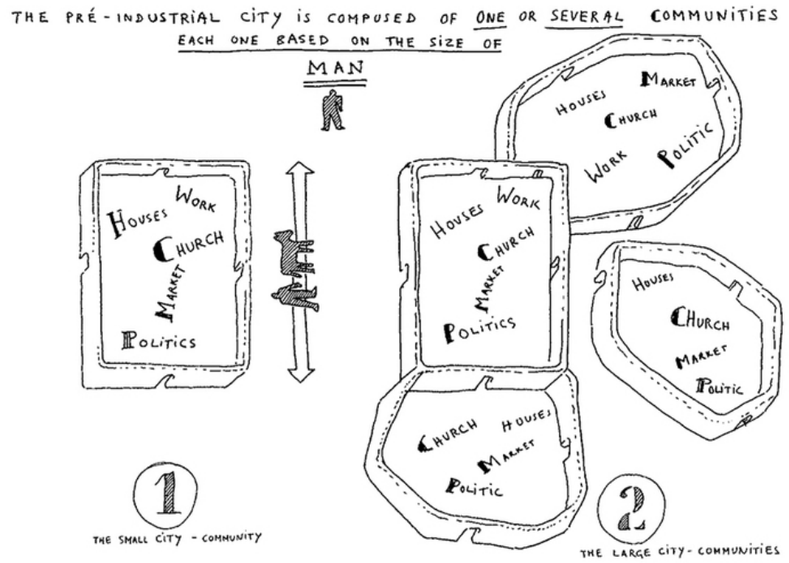
Em oposição, defendo uma cidade mais concentrada, caminhável e funcionalmente diversa, onde diferentes usos coexistem em proximidade. Esta posição aproxima-se de leituras críticas sobre o Urbanismo Modernista, como as de **Léon Krier**, que defendia o "regresso" à cidade tradicional europeia, à pequena escala, à densidade controlada e à valorização da rua como espaço de relação.

A fixação populacional surge como consequência direta desta leitura. Para que o centro urbano permaneça vivo, não basta que seja visitado ou consumido temporariamente; é necessário que seja habitado, utilizado e apropriado no quotidiano. A presença continuada de moradores, estudantes, trabalhadores e comunidades locais é fundamental para contrariar a perda de intensidade urbana e evitar que os centros históricos se transformem apenas em cenários patrimoniais ou turísticos.

Esta proposta de decrescimento é entendida como uma estratégia de recentramento: reduzir a dependência da expansão periférica e reforçar a capacidade dos centros existentes para acolher habitação, trabalho, cultura, comércio e espaços públicos. A proximidade entre estas funções permite diminuir deslocações, fortalecer relações comunitárias e devolver ao centro uma condição de cidade vivida.

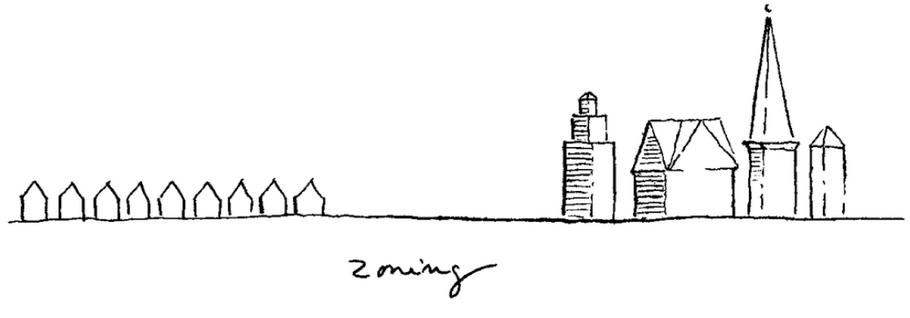


**2.01** - Esquissos explicativos
Léon Krier









## 2.2 Cultura como motor de ativação urbana

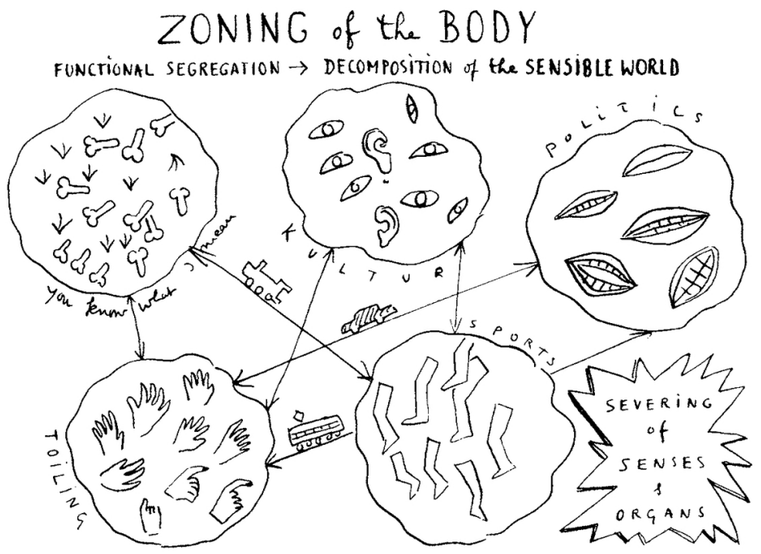
A cultura é entendida, neste trabalho, não como consumo artístico, mas como elemento de produção artística. Quando reduzida ao evento, ao espetáculo ou à visita pontual, tende a produzir uma utilização intermitente dos espaços. Pelo contrário, quando associada à produção, ao trabalho, à aprendizagem e ao encontro, pode gerar presença regular e maior intensidade de uso.

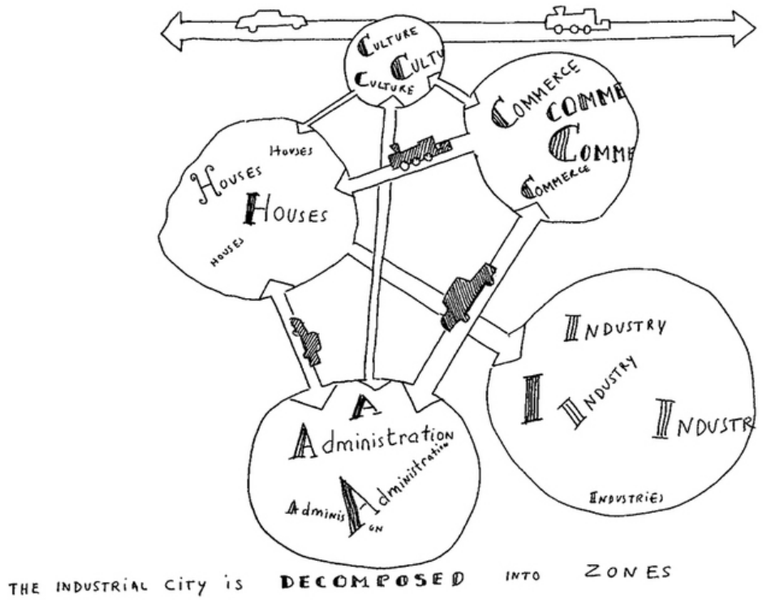
Esta leitura relaciona-se com a crítica à cidade funcionalmente fragmentada. Nos desenhos de Léon Krier, a cidade moderna surge frequentemente decomposta em zonas autónomas — habitação, trabalho, comércio, administração, lazer e cultura — separadas entre si. Esta separação transforma certos programas em destinos isolados, dependentes da deslocação e desligados de qualquer interação.

Assim, a cultura pode funcionar como motor urbano quando deixa de ser um programa isolado e passa a integrar um sistema mais amplo de relações. Ateliers, espaços de exposição, salas de ensaio, zonas de encontro e espaços de permanência em regime cooperativo podem contribuir para uma ocupação mais imersiva do centro urbano.



**2.01** - Esquissos explicativos
Léon Krier



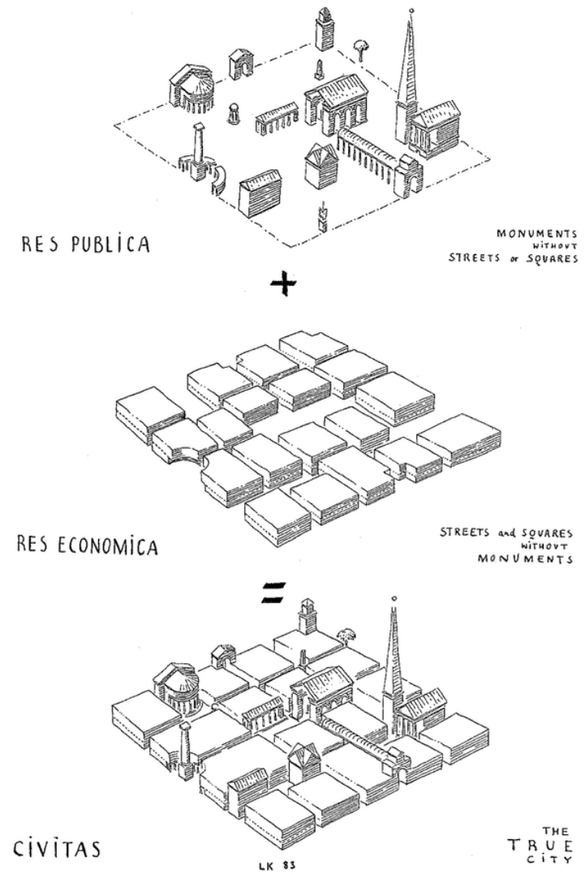
## 2.3 Património e reutilização adaptativa

A reutilização adaptativa parte do entendimento do património como matéria disponível para novas formas de uso, sem que isso implique a perda das suas qualidades. Acredito que um edifício existente não deve ser visto apenas como objeto a conservar, mas como estrutura capaz de acolher novas necessidades, desde que a intervenção reconheça as suas qualidades espaciais, construtivas e simbólicas.

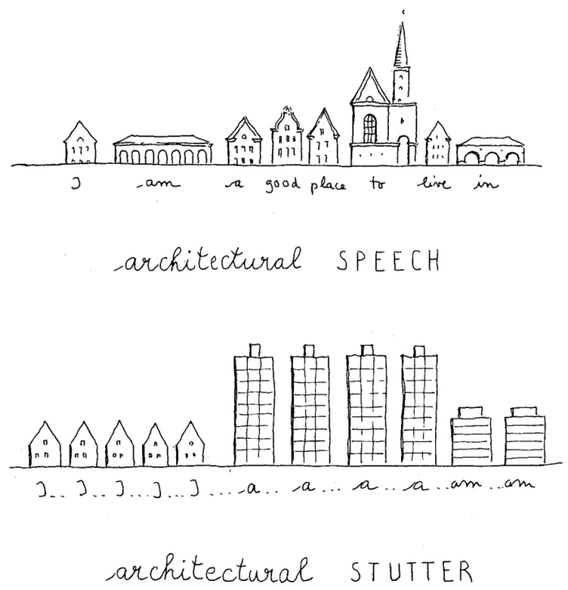
Neste trabalho, a reocupação do existente surge como alternativa à construção de novos edifícios. Esta opção relaciona-se diretamente com uma atitude de decrescimento, ao privilegiar a adaptação das estruturas disponíveis, a redução de desperdício construtivo e a valorização dos recursos já presentes na cidade. Em vez de acrescentar mais construção ao território, procura-se aproveitar aquilo que já existe.

Esta abordagem exige uma intervenção clara, mas controlada. O novo programa deve adaptar-se à pré-existência sempre que possível, evitando tanto o abandono funcional como intervenções excessivamente agressivas que apaguem a identidade do edifício. A transformação deve permitir novos usos, mas sem destruir a leitura material e espacial que dá valor ao património.






**2.01** - Esquissos explicativos
Léon Krier



# 3 Contexto Urbano




## 3.1 Turistificação e habitação temporária

Os centros históricos vivem frequentemente uma tensão entre valorização patrimonial, atratividade turística e perda de vida quotidiana. A presença de visitantes, comércio orientado para o consumo rápido e alojamento temporário pode dinamizar economicamente estes territórios, mas nem sempre contribui para a permanência de moradores ou para a consolidação de uma comunidade residente.

O turismo reforça a visibilidade e o valor simbólico dos centros urbanos, mas pode também favorecer uma utilização intermitente da cidade. A crítica não é orientada para a presença de visitantes, mas na substituição gradual de usos quotidianos — habitação permanente, comércio de proximidade, trabalho e encontro — por programas associados à estadia curta e ao consumo ocasional.

A desertificação urbana deve ser entendida como algo mais complexo que a ausência física de pessoas. Um centro histórico pode manter movimento, fluxo e atividade pontual, mas perder continuidade habitacional e social. Neste sentido, **uma cidade visitada não é necessariamente uma cidade habitada**.

Torna-se, assim, necessário pensar estratégias que reforcem a permanência nos centros históricos, garantindo que estes continuam a ser lugares de habitação, trabalho, encontro e produção, e não apenas espaços de visita, consumo ou representação patrimonial.




"Querido, não tenho casa": milhares de pessoas saem às ruas para exigir habitação digna

## 3.2 Caso de estudo: O centro histórico de Guimarães

Guimarães desenvolveu-se a partir de uma estrutura medieval marcada pela relação entre o castelo, a muralha e os espaços de comércio, habitação e de culto religioso que consolidaram progressivamente o centro urbano. A sua malha histórica mantém ainda hoje uma forte continuidade entre ruas, largos, edifícios religiosos, habitação e comércio, constituindo uma estrutura urbana densa, caminhável e de escala humana.

A sua importância histórica e simbólica, associada à formação da identidade nacional portuguesa, confere-lhe uma forte presença no imaginário coletivo e uma elevada valorização patrimonial. Esta condição é reforçada pela classificação UNESCO como **Património Mundial**.

No entanto, esta valorização patrimonial coloca também desafios à sua vivência quotidiana. A atratividade turística e cultural do centro pode contribuir para a dinamização económica da cidade, mas também tende a intensificar usos temporários, consumo ocasional e atividades orientadas para o visitante. Neste contexto, torna-se essencial questionar de que forma o centro histórico pode continuar a ser habitado, apropriado e utilizado por comunidades permanentes.

A leitura do território revela uma estrutura urbana consolidada, marcada pela proximidade entre equipamentos. No entanto, a presença de edifícios devolutos, subutilizados ou encerrados evidencia a existência de oportunidades de reativação no interior do próprio tecido histórico.

Guimarães surge como caso de estudo para uma estratégia de reocupação do existente. O desafio não passa apenas por preservar a imagem patrimonial do centro, mas por reforçar a sua capacidade de acolher usos quotidianos, produtivos e habitacionais.





**3.02** - Ortofotomapa da cidade de Guimarães

### 3.3 Edifícios devolutos como oportunidade de reocupação

A leitura do centro histórico de Guimarães permitiu identificar a presença de edifícios devolutos, degradados ou em ruínas, inseridos no interior do próprio tecido consolidado da cidade.

Nesta fase, foi realizado um trabalho de campo de reconhecimento. Este processo permitiu mapear diferentes situações de devolução e subutilização, distinguindo edifícios com escalas, estados de conservação e potenciais de transformação distintos. A identificação destas estruturas permitiu sustentar a ideia de que o problema da permanência urbana pode ser trabalhado a partir da reocupação do existente, sem depender necessariamente da expansão ou da construção de novos edifícios.

Entre os casos identificados destacaram-se duas pré-existências particularmente relevantes: o Convento das Dominicas e a Casa de Cimães. A sua escolha resultou não apenas da sua condição de abandono ou subutilização, mas também da sua presença urbana e elevado valor patrimonial.

**3.03** - Fábrica Curtumes






**3.04** - Fábrica do Arquinho

**3.05** - Habitação degradada





**3.06** - Ruína

**3.07** - Ruína





**3.08** - Ruína

**3.09** - Acesso privativo





**3.10** - Casa sobre o rio Couros

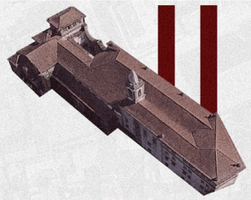
## Ruína sobre o rio Couros

contexto | proximidade com a ribeira
tipologia | desconhecida
sistema construtivo | estrutura em alvenaria de pedra
estado de conservação | muito degradado



## Convento das Dominicas

contexto | centro histórico
tipologia | relisigiosa
sistema construtivo | estrutura em alvenaria de pedra rebocada
estado de conservação | parcialmente degradado



## Casa de Cimães

contexto | centro histórico
tipologia | habitação
sistema construtivo | estrutura em alvenario de pedra rebocada
estado de conservação | muito degradado



## VI Ruína na Colina

contexto | colina
tipologia | habitação
sistema construtivo | estrutura em alvenaria de pedra
estado de conservação | muito degradado



## V Fábrica Curtumes

contexto | zona idustrial
tipologia | indústria e serviços
sistema construtivo | estrutura em alvenaria de pedra
estado de conservação | parcialmente degradado



## IV Casa dos Lobatos

contexto | centro histórico
tipologia | habitação e lazer
sistema construtivo | estrutura em alvenaria de pedra
estado de conservação | muito degradado



jardim alameda mariano felgueiras

central camionagem

campo da feira

largo do toural

jardim da alameda

estacionamento camões

zona de couros

rio couros

mercado

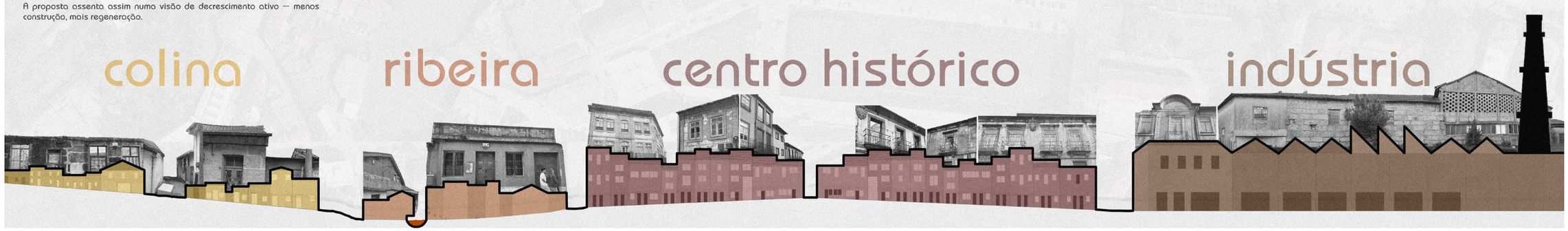
teatro camões

objetivos do trabalho

Partindo do tema do decrescimento, este trabalho procura valorizar o que já existe no centro de Guimarães — reabilitando, reativando e reconvertendo — em vez de expandir o território urbano.
Através da identificação de edifícios devolutos e situações críticas, foram reconhecidas carências e oportunidades que orientam uma estratégia de intervenção sustentável, posto isto ,o território é analisado em **quatro** subtemas:

- a Colina: um tecido densificado e precário evidencia a necessidade de pequenas ações de requalificação habitacional (caso de estudo: reabilitação de habitação em encosta);
- a Ribeira: o Ribeiro de Couros surge como eixo de regeneração do espaço público (caso de estudo: edifício junto à margem norte);
- o Centro Histórico: a reocupação habitacional de edifícios devolutos reforça a vitalidade urbana (casos de estudo: Convento das Dominicas, Casa de Cimães e Casa dos Lobatos);
- a Indústria: a reconversão do património fabril em novos usos (caso de estudo: antiga fábrica Curtumes) traduz o potencial de transformação do existente.

A proposta assenta assim numa visão de decrescimento ativo — menos construção, mais regeneração.



# Arquitetura adaptativa

convento religioso ▶ escola artística

habitação unifamiliar ▶ habitação cooperativa

Esta proposta aborda a reativação de edifícios devolutos no centro histórico de Guimarães como alternativa à expansão periférica urbana, alinhando-se com princípios de decrescimento e valorização da cidade existente. Através de estratégias de arquitetura adaptativa, procura-se atribuir novos programas a estruturas com valor patrimonial elevado, respeitando a sua memória e respondendo a necessidades contemporâneas. Tomam-se como casos de estudo o Convento das Domínicas e a Casa de Cimães, convertidos em polos culturais, habitacionais e educativos, que articulam espaços performativos, residências cooperativas, escola artística e usos comunitários. Ao reintegrar estes edifícios na vida urbana e ativar redes de participação social, a proposta combate a obsolescência, reduz o consumo de solo e reforça a centralidade de patrimónios esquecidos, promovendo uma densificação social sem crescimento físico e uma relação mais sustentável entre cidade, memória e comunidade.



Reabilitação vs Demolição



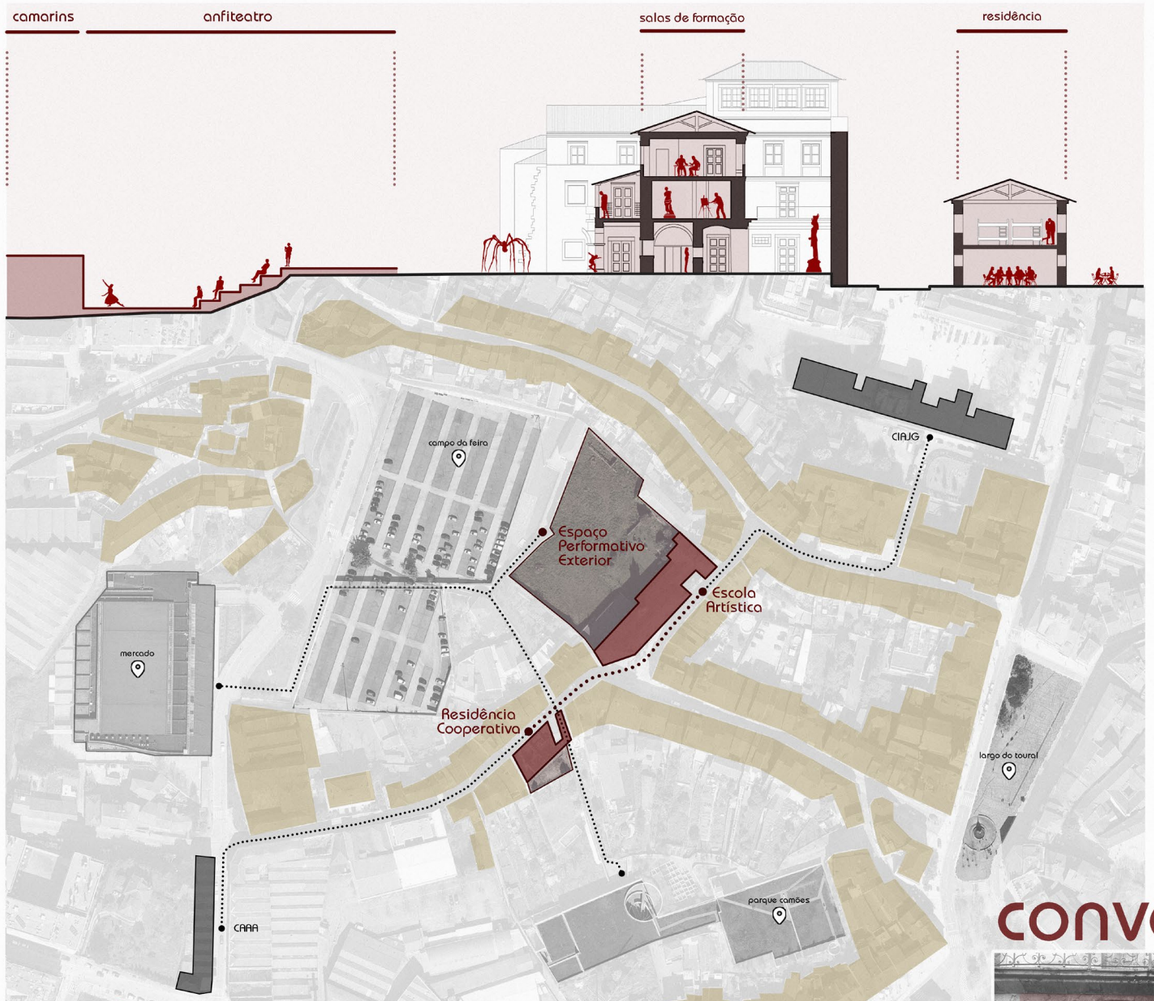
Manutenção de fachadas, vãos e volumetria histórica



Estrutura existente como suporte do novo programa



Ampliações leves e reversíveis em madeira




# Decrescimento urbano

O decrescimento urbano apresenta-se como alternativa à expansão periférica, defendendo a reocupação e requalificação da cidade existente antes da construção de novos tecidos urbanos. Esta estratégia assume que o crescimento quantitativo não corresponde necessariamente a desenvolvimento urbano equilibrado; pelo contrário, a dispersão territorial gera dependência automóvel, infraestruturas duplicadas, abandono dos centros históricos e aumento de custos ambientais.
Reabilitar património devoluto no centro urbano permite concentrar funções, pessoas e recursos em áreas já servidas por redes viárias, equipamentos e infraestruturas, reduzindo a pressão sobre o solo rural e travando processos de suburbanização. Esta abordagem prioriza a permanência, a reutilização e a continuidade da memória urbana, substituindo a lógica de substituição e obsolescência por ciclos longos de vida útil e adaptações sucessivas.
Assim, o decrescimento não implica regressão económica ou estagnação construtiva, mas sim uma reorganização das prioridades de investimento: menos expansão, mais reativação; menos construção nova, mais adaptação inteligente; menos consumo de recursos, mais regeneração do existente.

construção

Social
- habitação cooperativa
- permanência de residentes
- participação comunitária

Cultural
- valorização do património existente
- continuidade da memória urbana
- identidade coletiva

Económico
- uso eficiente de infraestruturas
- menor custo de expansão territorial
- economia local circular



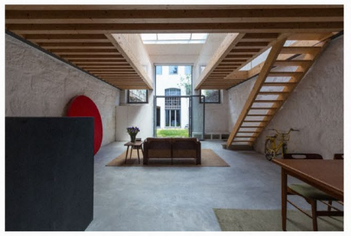
Mosteiro de São Martinho de Tibães, João Carlos Santos, 2008



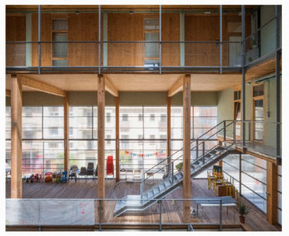
Paço dos Condes de Ourém, João Mendes Ribeiro, 2021

# Referências de projeto

Loft em Cedofeita, Alexandre Loureiro, 2018



La Borda Cooperativa Habitacional , Lacol, 2018



Reconversão de Celeiro João Mendes Ribeiro, 2015



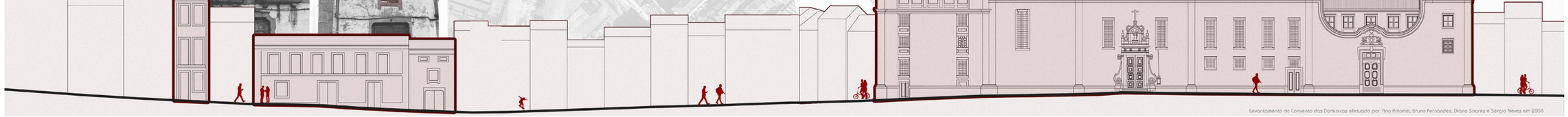
# casa de cimães



# convento das domimicas



noconvento



Levantamento do Convento das Domínicas efetuado por: Ana Fonseca, Bruno Fernandes, Diana Soares e Sérgio Neves em 2006

### 3.3.1 Convento das Dominicas

O Convento de Santa Rosa de Lima, popularmente conhecido como Convento das Dominicas, localiza-se na Rua Dr. Bento Cardoso, no centro da cidade de Guimarães. Mandado construir na primeira metade do século XVII, constitui uma das presenças religiosas mais relevantes da cidade, quer pela sua dimensão, quer pela sua singularidade dentro do conjunto conventual vimaranense. A sua implantação, próxima do núcleo histórico mas ligeiramente afastada dos espaços urbanos mais consolidados, evidencia o carácter mediador que estes conjuntos conventuais assumiam à época, posicionando-se entre a cidade e o território rural envolvente.





**3.13** - Portal nascente

Enquadra-se no contexto das ordens mendicantes, cuja implantação teve um papel importante na transformação e consolidação das cidades. Estes conjuntos não funcionavam apenas como espaços de clausura e prática religiosa, mas também como estruturas com impacto social, económico e comunitário. No caso das Dominicas, a condição de convento feminino introduz uma especificidade própria, visível na forma como o edifício estabelece contactos controlados com o exterior. Esta condição manifesta-se, sobretudo, pela presença de entradas laterais e por elementos associados à antiga função de orfanato. No átrio de entrada, sob o nártex, permanecem dispositivos destinados à deposição de crianças abandonadas, revelando a função de orfanato que o convento também desempenhava na cidade.





**3.14** - Fotografia Aérea



**3.15** - Entrada da Igreja



**3.16** - Portal Nascente



**3.17** - Átrio de Entrada



**3.18** - Peça rotativa para depósito de crianças

Quanto à sua organização espacial e funcional, o Convento das Dominicas aproxima-se da lógica tradicional dos edifícios conventuais, marcada por uma estrutura rigorosa, comunitária e hierarquizada A igreja assume-se como o espaço de maior escala e importância simbólica, enquanto as restantes dependências se organizam segundo uma estrutura que deveria ser articulada pelo **claustro**. No entanto, este nunca chegou a ser concluído.

O convento aproxima-se do estilo de arquitetura chã, caracterizada por uma expressão austera, geometrizada e contida. As fachadas são dominadas pela presença da massa murária, pela regularidade dos vãos e por uma sobriedade formal que reforça o carácter rigoroso do conjunto. Esta contenção exterior contrasta com a riqueza espacial e ornamental da igreja, de nave única, acompanhada por capelas laterais, bem como com a imponência do portal de entrada, fortemente ornamentado.





**3.19** - Claustro

A leitura do estado atual evidencia contrastes significativos no interior do edifício. O piso térreo apresenta-se como uma das zonas mais preservadas do convento, marcado por espaços escuros, paredes espessas e arcos de volta perfeita. Nos pisos superiores, pelo contrário, surgem sinais mais evidentes de degradação, instabilidade, infiltrações e abandono. Ainda assim, alguns destes espaços conservam qualidades importantes, nomeadamente a entrada de luz natural, a escala das salas e a relação com o átrio da portaria.

O último piso, associado ao mirante, assume uma condição particular dentro do conjunto. A partir deste espaço estabelece-se uma relação visual ampla com a cidade e com a paisagem envolvente, mantendo simultaneamente a lógica de recolhimento própria da clausura. Esta possibilidade de observar sem ser observado reforça a singularidade do edifício e evidencia a forma como o convento mediava a relação entre interioridade, contemplação e território.





**3.20** - Fotografia Aérea



**3.21** - Varanda do Claustro



**3.22** - Varanda do Claustro



**3.23** - Claustro

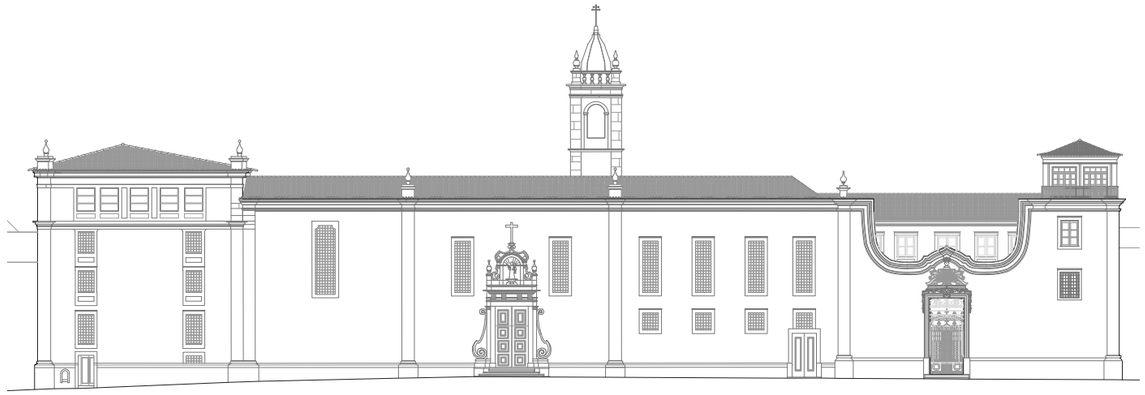



**3.24** - Entrada

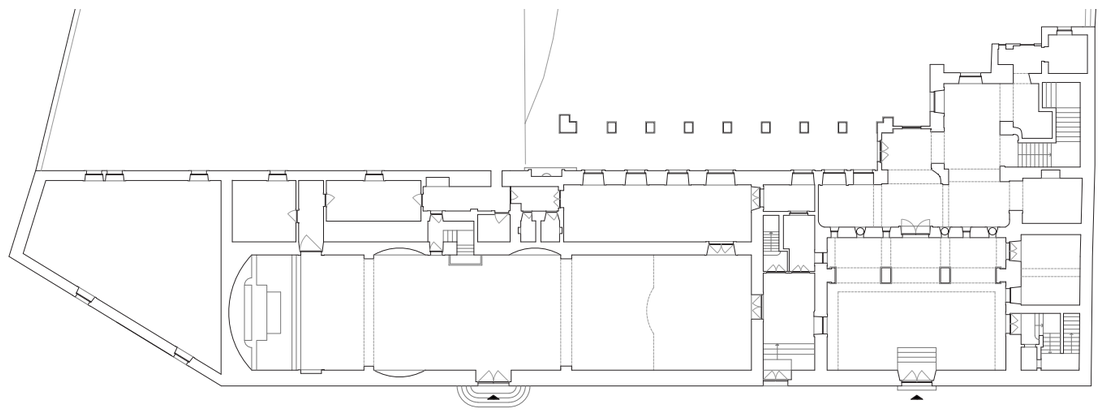
Para além da sua importância histórica e arquitetónica, o Convento das Dominicas possui também uma história recente de apropriação coletiva. Após o 25 de Abril, o edifício foi ocupado por iniciativas comunitárias ligadas ao CICP — Centro Infantil, Cultural e Popular —, acolhendo atividades de infantário, teatro, canto, alfabetização, reunião e animação cultural. Esta fase demonstra que o convento já funcionou como espaço de encontro, produção cultural e uso comunitário, ultrapassando a sua função religiosa original.

A igreja mantém ainda hoje o seu uso religioso e litúrgico, encontrando-se associada à Paróquia de São Sebastião, em Guimarães. Contudo, o restante conjunto conventual perdeu grande parte da sua atividade regular, permanecendo ligado apenas a usos pontuais, sobretudo através de iniciativas promovidas pelo coletivo Noconvento, responsável pela organização de pequenos eventos culturais diretamente associados às artes.





**3.25** - Alçado da rua | 1:400



**3.26** - Planta de Nível 0 | 1:400

### 3.3.2 Casa de Cimães

A “Casa da Liberdade”, oficialmente identificada como Casa de Cimães, localiza-se no centro histórico de Guimarães, na União das freguesias de Oliveira, São Paio e São Sebastião. A designação remete para a família Cimães, proprietária histórica do imóvel, cuja presença é ainda assinalada pelo brasão familiar existente na fachada norte.

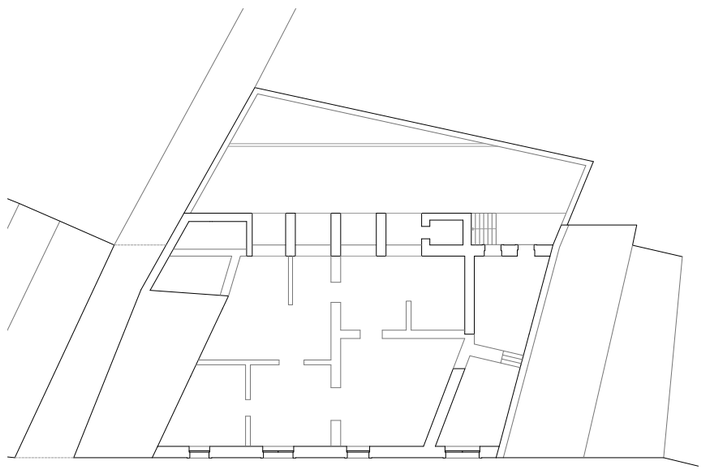
Trata-se de uma casa nobre barroca, de planta retangular, integrada no tecido urbano consolidado da cidade. A sua implantação em frente urbana contínua revela a relação direta entre a arquitetura doméstica tradicional e a estrutura densa da rua histórica. A sua leitura faz-se a partir da relação com a rua, da profundidade do lote e da presença de um logradouro tardoz, características comuns em muitas estruturas habitacionais antigas do centro histórico. Esta condição permite compreender o edifício não como objeto isolado, mas como parte de uma malha urbana contínua, construída por sucessivas parcelas, muros e pátios.





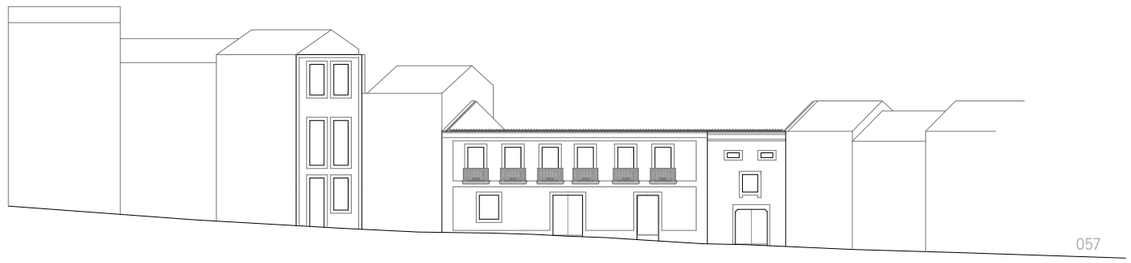
**3.27** - Casa Cimães

**3.28** - Planta de nível 0 | 1:400





**3.29** - Alçado Rua | 1:400



O estado atual do edifício revela uma condição de forte degradação. A estrutura encontra-se parcialmente devoluta, mantendo sobretudo paredes exteriores, alguns muros interiores e vestígios da compartimentação original.

A ruína permite, ainda assim, reconhecer a antiga organização doméstica, mas evidencia também a necessidade de uma intervenção capaz de devolver uso, estabilidade e presença urbana ao conjunto.





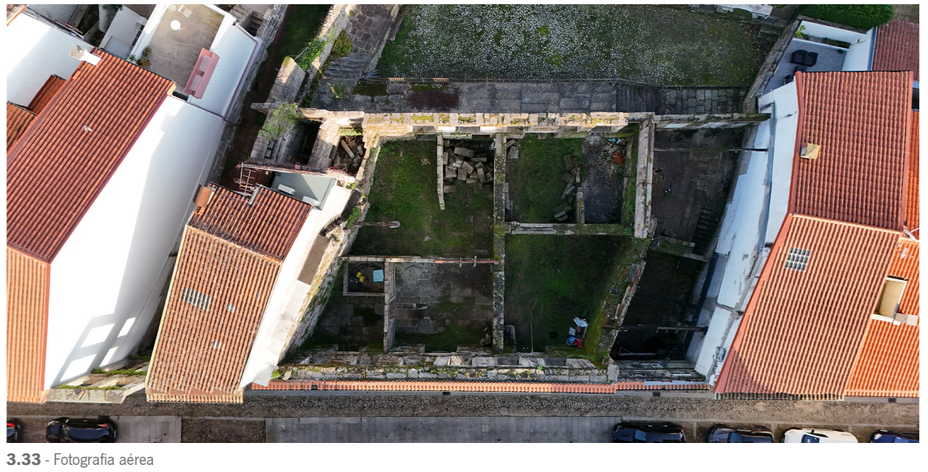
**3.30** - Fotografia aérea | Fachada tardoz



**3.31** - Passagem pedonal



**3.32** - Fachada Norte



**3.33** - Fotografia aérea

# 4 Estratégia de Intervenção

## 4.1 Programa

A estratégia programática do projeto organiza-se a partir da complementaridade entre dois edifícios existentes: o Convento das Dominicas e a Casa da Liberdade. Em conjunto, estes dois espaços permitem articular a dimensão pública, produtiva e cultural com a dimensão doméstica e habitacional, construindo um sistema capaz de responder ao objetivo central do trabalho: fixar uma comunidade criativa no centro histórico de Guimarães.

O Convento das Dominicas concentra os programas de maior carácter público e coletivo, associados à produção artística, à exposição, aos eventos, ao trabalho e à convivência. A Casa da Liberdade introduz a componente habitacional, oferecendo alojamento e espaços comuns a estudantes e artistas. Esta relação permite que a atividade cultural não se limite ao momento do evento ou da visita, mas se prolongue numa presença quotidiana no centro urbano.

### 4.1.1 Polo Artístico e Cultural

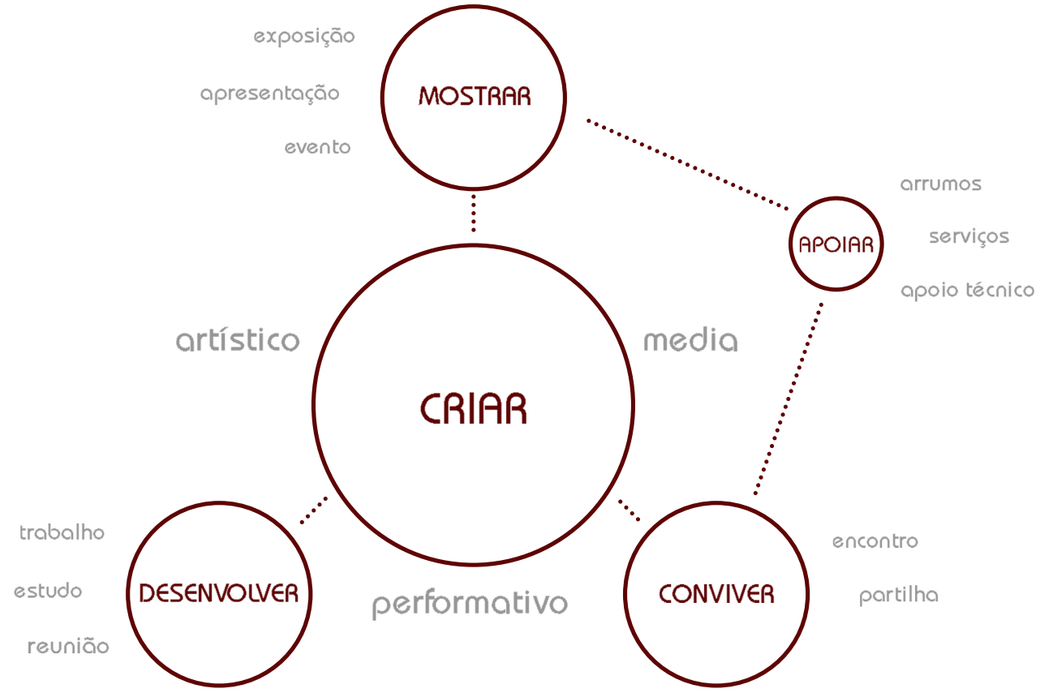
O Convento das Dominicas assume-se como o principal equipamento cultural da proposta, concentrando os programas associados à produção artística, à apresentação pública e à convivência coletiva. A sua dimensão, diversidade espacial e localização no centro histórico permitem acolher um conjunto de usos complementares, capazes de transformar o edifício num espaço de criação e encontro.

O programa organiza-se em torno de diferentes núcleos. Um primeiro núcleo é dedicado à produção artística, integrando espaços ligados às artes performativas, às artes visuais, à música, ao som e aos media digitais. Esta diversidade permite que o convento funcione como uma escola de artes aberta e multidisciplinar, onde diferentes práticas podem cooperar. Esta articulação evita a individualização excessiva das áreas artísticas, potenciando a partilha de processos, o cruzamento de conhecimentos e, consequentemente, a qualidade do trabalho produzido.

Um segundo núcleo corresponde à dimensão de apresentação pública, reunindo os espaços que permitem expor, comunicar e partilhar o trabalho desenvolvido no convento. Este núcleo integra um grande espaço de eventos interior, destinado a concertos, performances, conferências e apresentações, articulado com espaços expositivos interiores e exteriores. A estes soma-se ainda o espaço de eventos ao ar livre, que amplia a programação cultural para o exterior do edifício e permite diferentes formas de apropriação pública. Em conjunto, estes programas abrem o convento à cidade, tornando visível a produção artística e criando momentos de contacto direto entre artistas, residentes e público.

A esta estrutura associa-se ainda uma componente de convivência e permanência, materializada através da cafetaria, das salas de estar, dos espaços exteriores e das zonas de encontro informal. Estes espaços são fundamentais para que o edifício não funcione apenas como lugar de produção ou espetáculo, mas também como espaço quotidiano para usufruito dos cidadãos.

O programa inclui ainda os espaços de apoio ao funcionamento de um edifício, como espaços de receção, bengaleiro, camarins, cacifos, arrumos, instalações sanitárias, áreas técnicas, gabinetes e salas de reunião, indispensáveis ao funcionamento regular e constante do equipamento. Esta estrutura programática aparece distribuída de forma articulada e complementar entre os vários momentos do convento..



### 4.1.2 Residência Criativa

A Casa da Liberdade surge, em regime de "residência criativa", como complemento habitacional do polo artístico e cultural instalado no Convento das Dominicas. A sua integração no projeto permite que a produção cultural não dependa apenas de utilizadores externos ou deslocações pontuais, mas seja acompanhada por uma estrutura de permanência no próprio centro histórico. Sem esta componente residencial, a comunidade artística associada ao convento tenderia a depender de alojamento disperso, muitas vezes afastado do centro, contrariando a intenção principal do trabalho: fixar pessoas e atividade quotidiana no tecido urbano existente.

A residência propõe, assim, uma forma de habitação coletiva orientada para estudantes e artistas, articulando alojamento, convivência e partilha. Não se trata de uma habitação unifamiliar nem de um conjunto multifamiliar convencional, composto por unidades autónomas e isoladas entre si. Pelo contrário, o edifício é entendido como um ecossistema de vida urbana, onde os espaços privados são complementados por áreas comuns capazes de incentivar a relação entre residentes.

O programa habitacional procura acolher o maior número possível de pessoas dentro da capacidade do edifício, recorrendo a quartos partilhados, unidades de grupo e espaços comuns de utilização coletiva. Esta estratégia permite intensificar a ocupação do imóvel sem perder a dimensão doméstica da residência, promovendo uma vivência partilhada e quotidiana no centro histórico.

A presença de salas comuns, cozinha coletiva, espaços de refeição, áreas de estar e logradouro reforça essa ideia de comunidade residencial. Estes espaços não funcionam apenas como apoios ao alojamento, mas como lugares fundamentais de encontro, permanência e construção de relações entre os habitantes.



# 5

# Projeto

# 5.1 Convento das Dominicas

### 5.1.1 Distribuição funcional

A distribuição das funções resulta da leitura das características espaciais do edifício existente, nomeadamente da dimensão dos espaços, da relação com a luz natural, dos níveis de ruído e da proximidade aos espaços públicos. Na zona norte do edifício localizam-se os espaços de caráter público, enquanto na zona sul se concentram os espaços administrativos e de utilização privativa.

No **piso térreo** concentram-se os espaços de maior utilização coletiva e pública, assumindo-se este nível como principal mediador entre o conjunto e a cidade. A entrada é acompanhada por uma receção e zonas de apoio, articuladas com a cafetaria e os espaços exteriores de convivência. A antiga igreja é convertida no principal espaço de eventos interior. Paralelamente, este espaço articula diferentes programas ligados às artes performativas, assumindo uma utilização flexível e partilhada entre ensaio, produção e apresentação pública.

No exterior, o claustro e os espaços exteriores adjacentes assumem-se como extensão informal das atividades culturais, acolhendo eventos ao ar livre, exposições temporárias e momentos de permanência coletiva.



Pátio de Entrada A
Espaço de eventos ao ar livre B
Jardim C
Plataforma de exposição D
Portaria E
Varanda F
Miradouro G

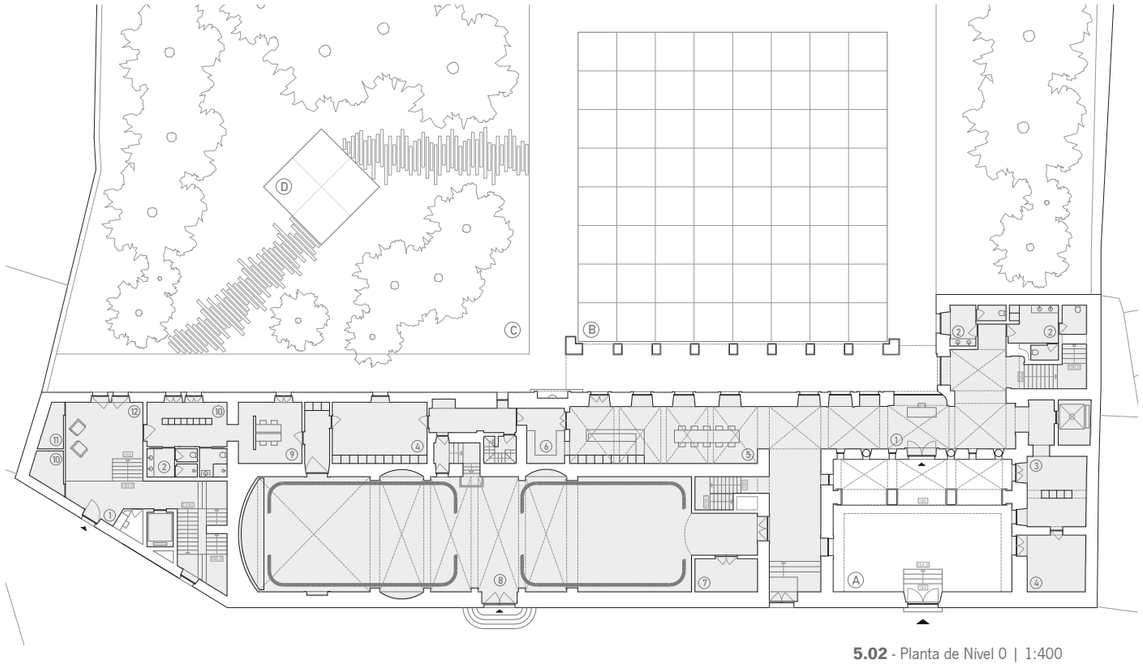
Receção 1
Instalação Sanitária 2
Bengaleiro 3
Área Técnica 4
Cafetaria 5
Copa 6
Arrumos 7
Artes Performativas - Salas de Dança e Teatro 8
e Espaço de Eventos Interior
Camarins 9
Sala de Cacifos 10
Vestíbulo 11
Sala de Estar 12

Media e Digital - Atelier de Videoarte 13
Media e Digital - Sala de Edição 14
Gabinete 15
Som e Música - Sala de ensaio musical 16
Som e Música - Sala de gravação 17
Espaço de exposições 18
Sala de reuniões 19

Artes Visuais - Atelier de Madeira 20
Artes Visuais - Atelier de Pintura 21
Biblioteca 22
Sala de trabalho em grupo 23
Sala de Contemplação 24



**5.01** - Alçado Tardoz | 1:400



**5.02** - Planta de Nível 0 | 1:400

O **primeiro piso** organiza os espaços ligados à produção media e digital, incluindo ateliers de videoarte, edição, ensaio musical e gravação. A relativa separação deste nível permite controlar questões acústicas e criar ambientes de trabalho mais reservados, mantendo simultaneamente a ligação ao percurso principal do edifício.

Este piso integra ainda uma sala de exposições em pé-direito duplo, que estabelece a principal ligação entre a zona norte e a zona sul do conjunto.





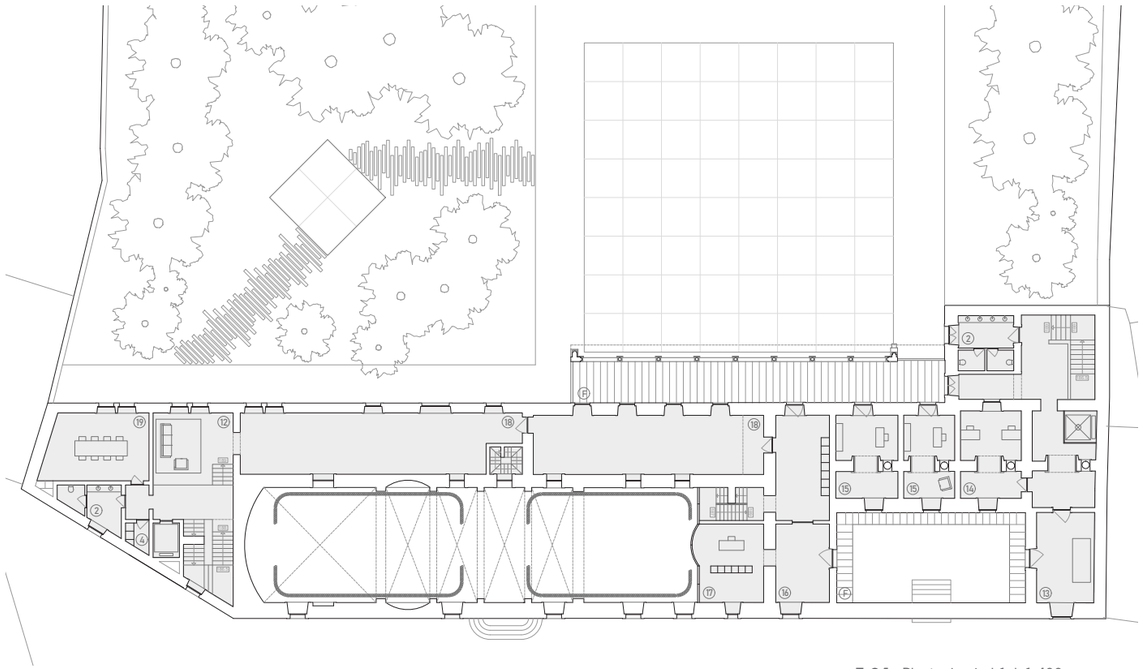
**5.03** - Secção Transversal | 1:400

Pátio de Entrada A
Espaço de eventos ao ar livre B
Jardim C
Plataforma de exposição D
Portaria E
**Varanda F**
Miradouro G

Receção 1
**Instalação Sanitária 2**
Bengaleiro 3
**Área Técnica 4**
Cafetaria 5
Copa 6
Arrumos 7
Artes Performativas - Salas de Dança e Teatro 8
e Espaço de Eventos Interior
Camarins 9
Sala de Cacifos 10
Vestiário 11
**Sala de Estar 12**

**Media e Digital - Atelier de Videoarte 13**
**Media e Digital - Sala de Edição 14**
**Gabinete 15**
**Som e Música - Sala de ensaio musical 16**
**Som e Música - Sala de gravação 17**
**Espaço de exposições 18**
**Sala de reuniões 19**

Artes Visuais - Atelier de Madeira 20
Artes Visuais - Atelier de Pintura 21
Biblioteca 22
Sala de trabalho em grupo 23
Sala de Contemplação 24



**5.04** - Planta de nível 1 | 1:400

No **segundo piso** concentram-se os espaços de trabalho mais silenciosos e contemplativos, nomeadamente os ateliers de pintura e madeira, a biblioteca e os gabinetes de apoio. A organização deste nível procura criar uma atmosfera de concentração e permanência prolongada, aproveitando a relação com a luz natural e a maior privacidade das alas superiores do convento.

O **último nível** assume um carácter mais introspectivo e contemplativo, integrando um miradouro e uma sala de contemplação voltados para a paisagem envolvente. Este espaço funciona como conclusão do percurso vertical do conjunto, reforçando a relação entre produção artística, silêncio e permanência.

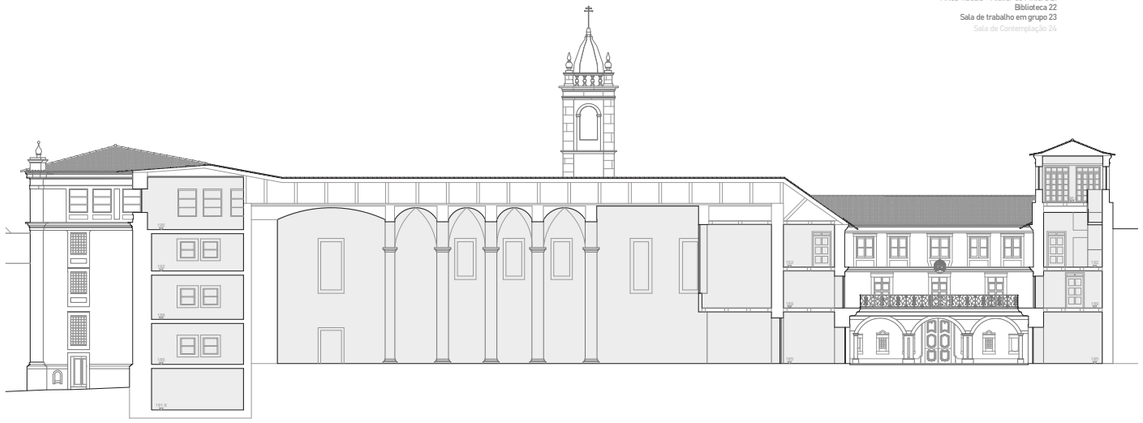


Pátio de Entrada A
Espaço de eventos ao ar livre B
Jardim C
Plataforma de exposição D
Portaria E
Varanda F
Miradouro G

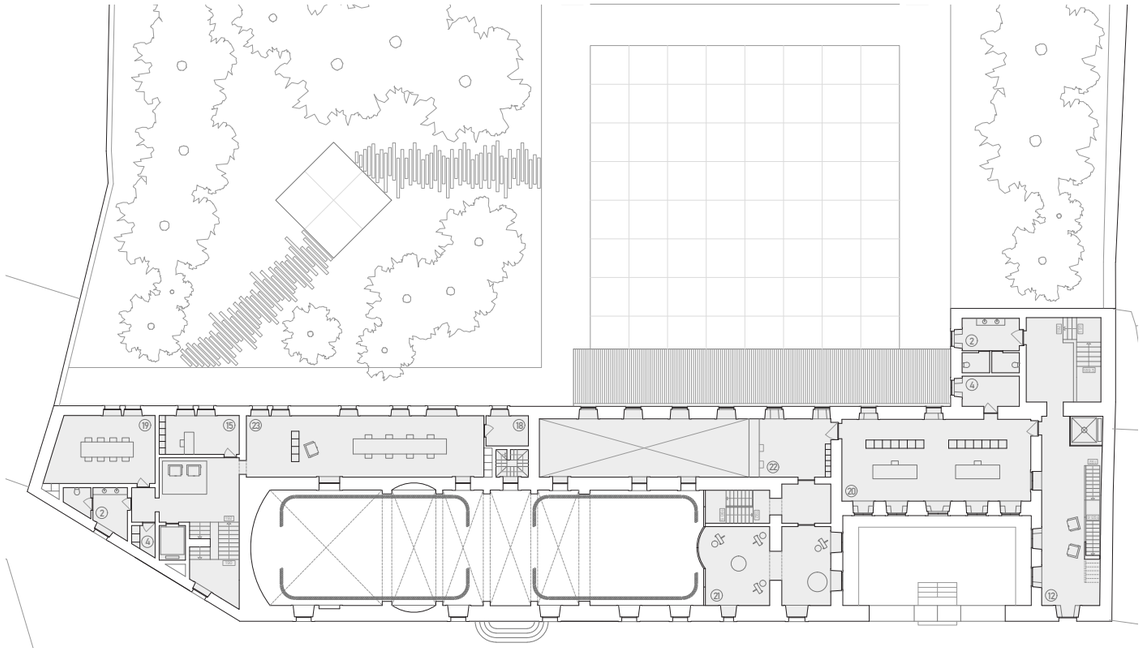
Receção 1
**Instalação Sanitária 2**
Bengaleiro 3
**Área Técnica 4**
Cafeteria 5
Copa 6
Arrumos 7
Artes Performativas – Salas de Dança e Teatro 8
e Espaço de Eventos Interior
Camarins 9
Sala de Cacifos 10
Vestíbulo 11
**Sala de Estar 12**

Media e Digital – Atelier de Videoarte 13
Media e Digital – Sala de Edição 14
**Gabinete 15**
Som e Música – Sala de ensaio musical 16
Som e Música – Sala de gravação 17
Espaço de exposições 18
**Sala de reuniões 19**

**Artes Visuais – Atelier de Madeira 20**
**Artes Visuais – Atelier de Pintura 21**
**Biblioteca 22**
**Sala de trabalho em grupo 23**
Sala de Contemplação 24



**5.05** - Secção Longitudinal | 1:400



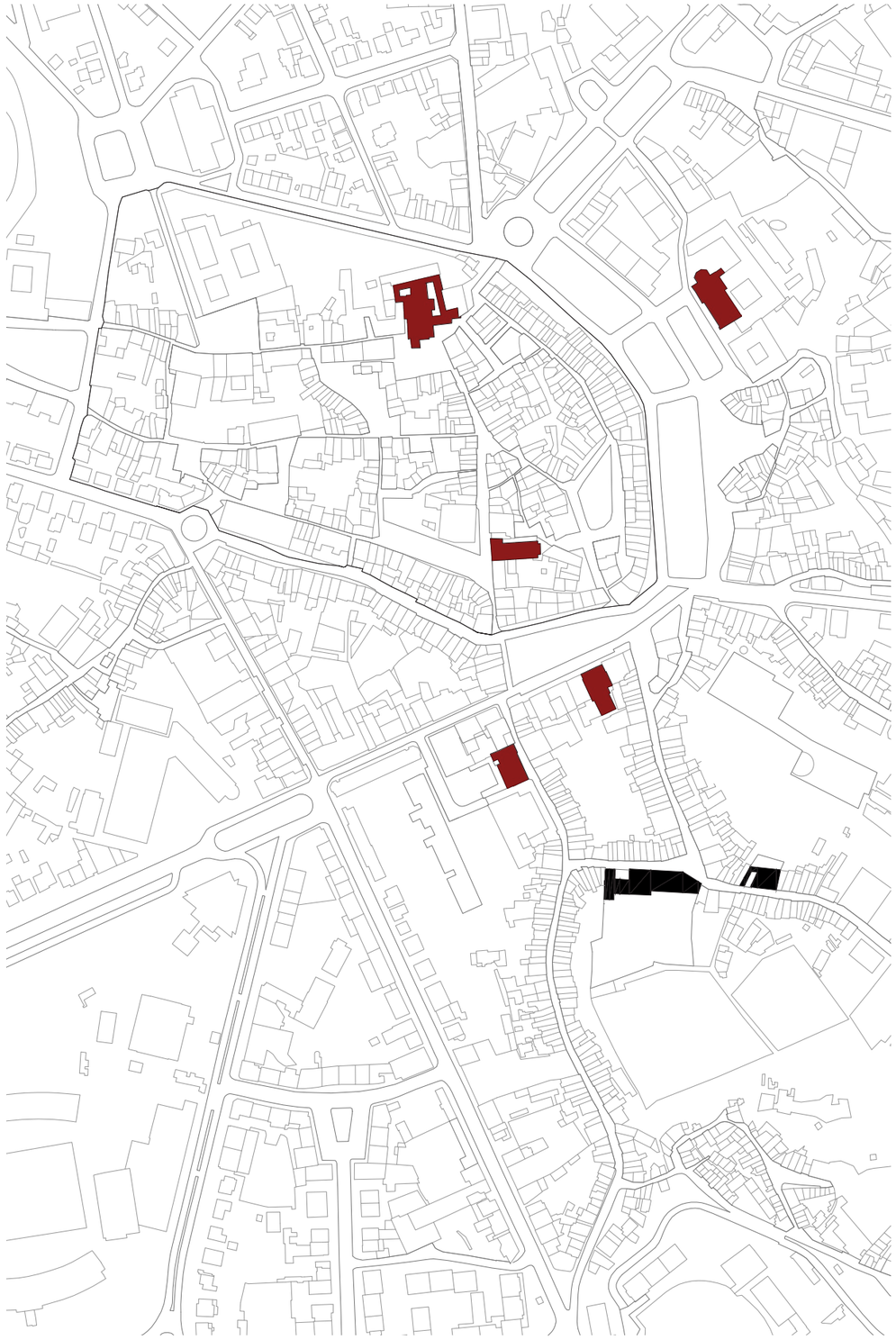
**5.06** - Planta de nível 2 | 1:400

### 5.1.2 Igreja como Espaço de Eventos

A elevada concentração de espaços religiosos ativos no centro histórico de Guimarães levanta a possibilidade de repensar a utilização da antiga igreja do Convento das Dominicas como espaço religioso. Num raio de aproximadamente 200 metros localizam-se o Convento de São Domingos, a Basílica de São Pedro, a Igreja da Misericórdia, a Igreja de Nossa Senhora da Oliveira e a Igreja de São Francisco, criando uma sobreposição funcional significativa nesta porção do território urbano. Esta proximidade permite compreender a desativação do uso litúrgico da antiga igreja não como perda funcional, mas como oportunidade de reativação cultural e coletiva do espaço.



**5.07** - Planta de Localização



**5.08** - Fotografia da igreja de Ptuj



A transformação funcional da igreja parte do entendimento de que a preservação do património não depende exclusivamente da manutenção do seu uso original, mas também da sua capacidade de adaptação a novas formas de utilização coletiva. Neste sentido, a proposta procura estabelecer uma relação equilibrada entre permanência e transformação, preservando a leitura espacial e simbólica da antiga igreja enquanto introduz novos programas culturais compatíveis com a escala e monumentalidade do espaço existente.

Esta decisão encontra referência no **Ptuj Performance Center - ENOTA Architects**, projeto de adaptação de um antigo mosteiro dominicano em centro cultural e performativo. Nesse caso, a antiga nave da igreja é também assumida como espaço principal de eventos, enquanto os espaços auxiliares se organizam à volta do claustro. Mais do que uma referência formal, este projeto interessa enquanto referência tipológica e programática, demonstrando a capacidade de antigas estruturas conventuais acolherem usos culturais contemporâneos sem perderem a sua leitura patrimonial.

A antiga igreja é assim convertida no principal espaço de eventos interiores do conjunto, permitindo acolher concertos, performances e exposições sem comprometer as características espaciais existentes. Paralelamente, o espaço passa também a ser utilizado diariamente pelas artes performativas, funcionando como sala de ensaio para dança e teatro ao longo da semana e transformando-se em espaço de apresentação pública ao fim de semana. Esta utilização partilhada procura intensificar a ocupação do edifício ao longo do tempo, evitando uma utilização episódica ou exclusivamente expositiva.

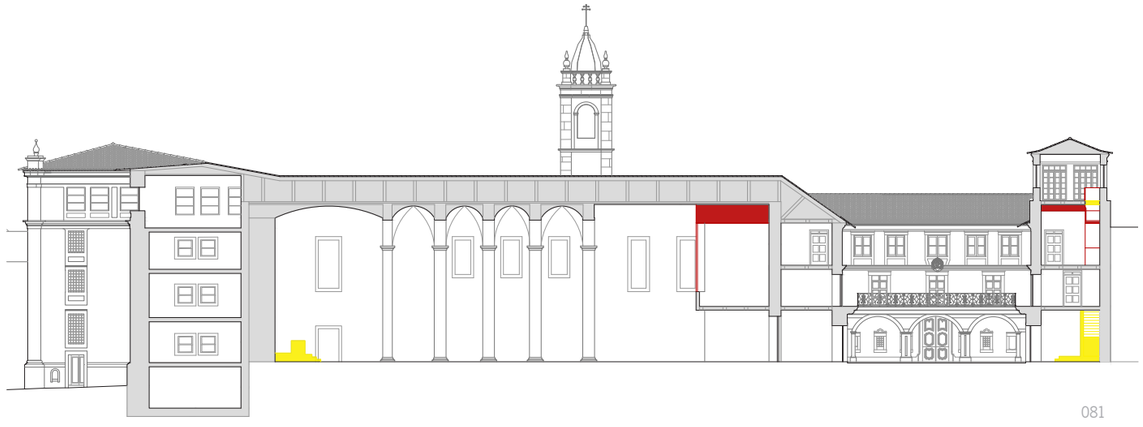
A flexibilidade do espaço é possibilitada através da introdução de um sistema de cortinas divisórias suspensas, que permite reorganizar espacialmente a nave da igreja conforme os diferentes momentos de utilização. Para além da separação física entre programas, estes elementos contribuem também para a melhoria das condições acústicas do espaço, criando diferentes atmosferas e graus de intimidade sem recorrer à compartimentação rígida do interior. A intervenção evita assim a introdução de novos elementos permanentes de grande impacto, privilegiando soluções leves, reversíveis e temporárias, alinhadas com a lógica de reutilização adaptativa e transformação mínima do existente.

Paralelamente, a proposta reforça as relações visuais e espaciais entre a igreja e os restantes espaços do convento. A reabertura de vãos anteriormente encerrados restabelece ligações históricas entre a nave principal e a sala de exposições adjacente, permitindo prolongar visualmente o espaço e reforçar a continuidade do percurso interior.

O funcionamento deste núcleo cultural é ainda apoiado por áreas técnicas, espaços de armazenamento e camarins distribuídos nas zonas adjacentes, garantindo o suporte necessário às diferentes configurações de utilização do espaço performativo e expositivo.



**5.09** - Secção Longitudinal (Vermelhos e Amarelos) | 1:400



**5.10** - Fotografia da situação atual da igreja



**5.11** - Imagem da proposta de intervenção



### 5.1.3 Claustro como Espaço de Convivência e Eventos

A intervenção no claustro e nos espaços exteriores do convento procura transformar uma área atualmente residual e fragmentada num espaço coletivo de permanência, apropriação e atividade cultural. A proposta parte da leitura da topografia existente e da realidade inacabada do conjunto conventual, reinterpretando aquilo que poderia ter sido a continuação do claustro originalmente previsto para o convento.

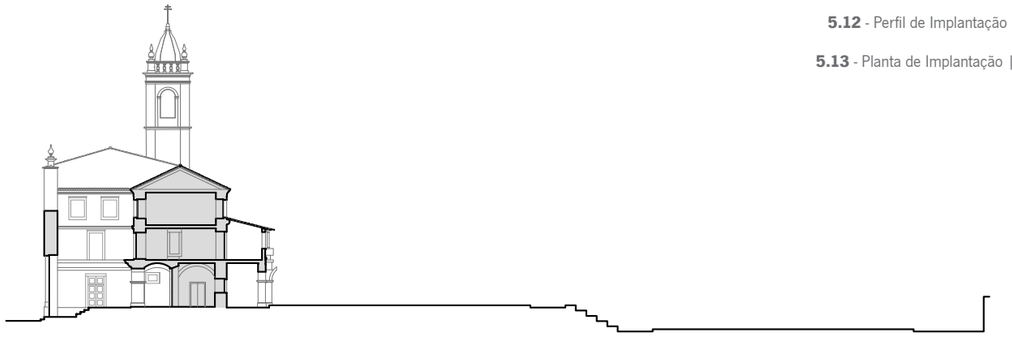
A intervenção organiza-se através da introdução de duas plataformas horizontais de grande dimensão, implantadas segundo a geometria e proporção do claustro existente. A primeira plataforma surge como extensão direta do convento, restabelecendo simbolicamente a ideia de um espaço central coletivo associado ao conjunto religioso. A segunda plataforma, localizada a uma cota inferior e mais a poente, reinterpreta essa mesma geometria, sugerindo a possibilidade de um segundo claustro nunca iniciado.

Entre ambas estabelece-se um sistema de degraus e bancadas que resolve a diferença topográfica existente, funcionando simultaneamente como elemento de circulação, permanência e suporte para diferentes formas de utilização coletiva. Esta operação permite transformar a topografia num dispositivo ativo de ocupação do espaço, possibilitando múltiplos cenários de utilização informal e cultural.

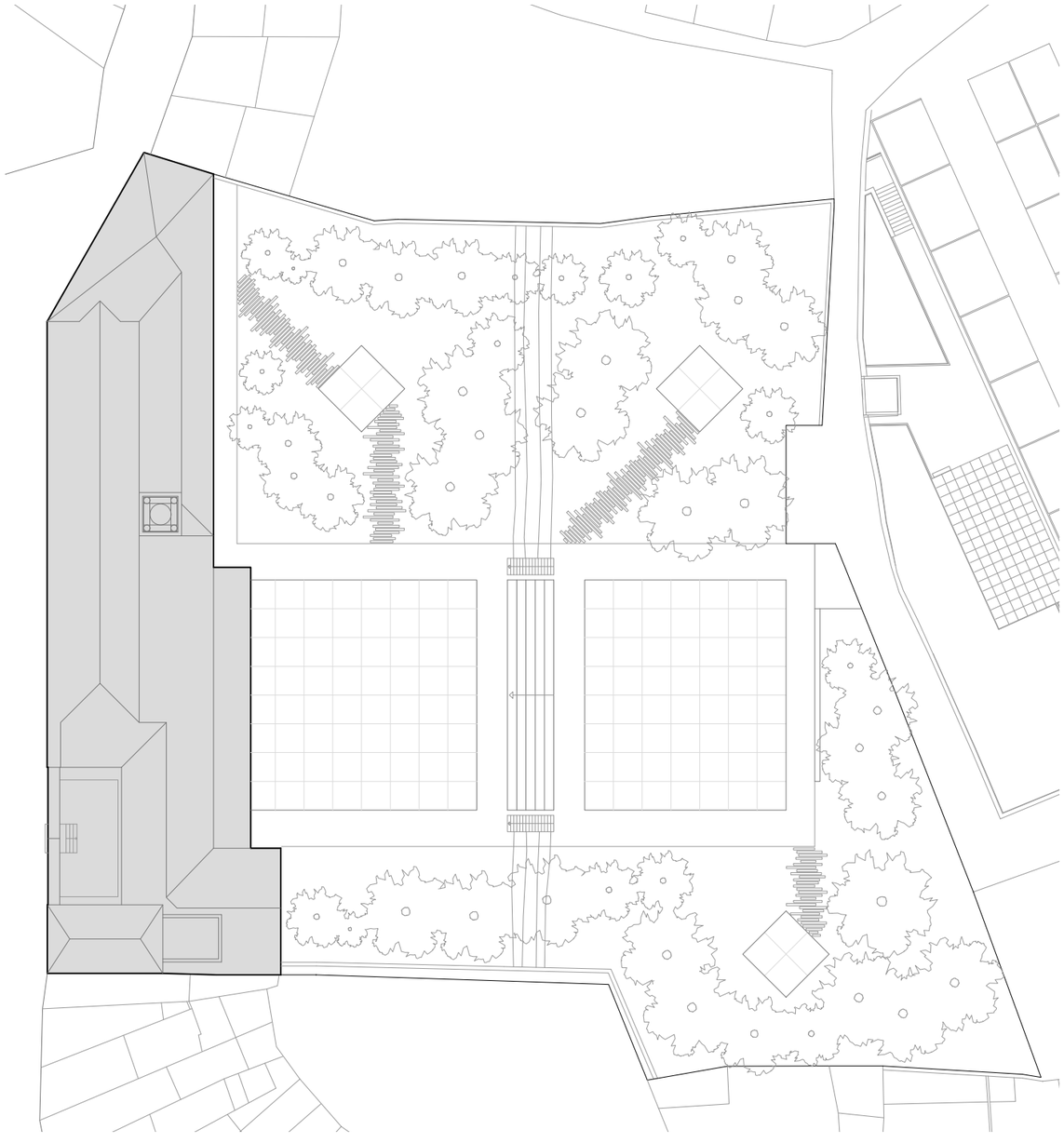


As plataformas e bancadas permitem acolher diferentes configurações de uso ao longo do tempo, desde concertos, performances e projeções ao ar livre até exposições temporárias, momentos de leitura, apresentações de livros ou permanência quotidiana informal. A relação entre as duas cotas possibilita ainda a utilização do espaço como anfiteatro natural, permitindo que determinados eventos utilizem a plataforma inferior como palco e a plataforma superior como espaço de permanência pública.

A restante área exterior dentro da cerca conventual é mantida maioritariamente como espaço naturalizado, preservando o carácter vegetal e silencioso do lugar. Entre árvores e clareiras pontuais surgem pequenas plataformas dispersas, destinadas à instalação temporária de obras de arte, pequenas performances ou momentos de utilização mais íntima e contida. A proposta evita assim uma ocupação excessiva do exterior, privilegiando uma lógica de intervenção mínima, continuidade paisagística e coexistência entre natureza, contemplação e atividade cultural.



**5.12** - Perfil de Implantação | 1:500



**5.13** - Planta de Implantação | 1:500

### 5.1.4 Ateliers e ocupação das alas conventuais

A distribuição dos ateliers pelas alas conventuais resulta de uma leitura cuidada da pré-existência e da intenção de intervir o mínimo possível no edifício. A proposta não impõe o programa sobre o convento; pelo contrário, adapta cada núcleo de produção artística às condições espaciais existentes, considerando a dimensão das salas, a relação com a luz natural, o grau de isolamento acústico necessário e a proximidade ao exterior.

No primeiro piso concentram-se os espaços associados à produção sonora e digital, nomeadamente o atelier de videoarte, a sala de edição, a sala de ensaio musical e a sala de gravação. Estes programas ocupam espaços mais contidos e reservados, adequados a usos que exigem maior controlo acústico e menor exposição direta ao público.

Este piso integra ainda uma sala de exposições em pé-direito duplo, que estabelece a principal ligação entre a zona norte e a zona sul do conjunto. A configuração atual deste espaço resulta da remoção de uma laje intermédia que compartimentava verticalmente o espaço existente, restituindo-lhe amplitude e continuidade espacial. Paralelamente, procedeu-se à reabertura de vãos voltados para a igreja, restaurando a relação visual original entre os dois espaços e reforçando a ligação entre as diferentes áreas do convento. A biblioteca surge como uma mezzanine debruçada sobre este espaço expositivo, relacionando, assim, dois programas de carácter mais silencioso.



No segundo piso localizam-se os ateliers ligados às artes visuais e materiais, nomeadamente o atelier de madeira e o atelier de pintura. O atelier de madeira ocupa uma das salas de maior dimensão, respondendo à necessidade de uma área mais generosa para trabalho manual, armazenamento e manipulação de materiais. O atelier de pintura, por sua vez, beneficia de uma orientação solar norte e nascente, garantindo uma exposição mais constante e adequada ao trabalho artístico.

A relação dos ateliers com o pátio de entrada a norte do edifício reforça a ligação entre produção artística, luz natural e vida quotidiana do conjunto. Esta orientação permite que os espaços de trabalho se abram visualmente para uma área exterior comum, evitando uma condição excessivamente encerrada.

Alguns espaços resultam de pequenas adições ou adaptações pontuais, nomeadamente os ateliers de pintura e música, que ocupam áreas associadas ao antigo coro alto da igreja. Esta opção permite ativar zonas menos utilizadas do edifício, mantendo a autonomia espacial e funcional da nave principal enquanto espaço de eventos.
A biblioteca surge como uma mezzanine debruçada sobre o espaço expositivo, relacionando, assim, dois programas de carácter mais silencioso.

Deste modo, a ocupação das alas conventuais pelos ateliers resulta de uma negociação entre programa e pré-existência, permitindo que a escola de artes se desenvolva a partir das qualidades espaciais do convento e reforçando a ideia de reocupação ativa do património.

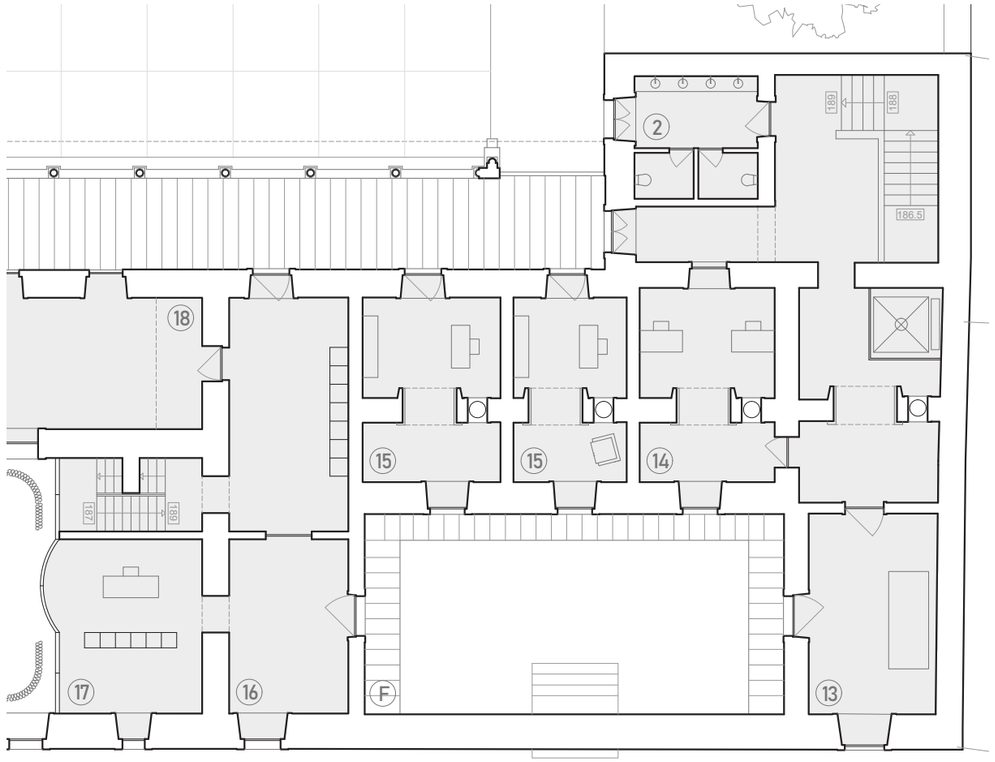
**5.14** - Planta de nível 1 | 1:200

Pátio de Entrada A
Espaço de eventos ao ar livre B
Jardim C
Plataforma de exposição D
Portaria E
**Varanda F**
Miradouro G

Receção 1
**Instalação Sanitária 2**
Bengaleiro 3
**Área Técnica 4**
Cafetaria 5
Copa 6
Arrumos 7
Artes Performativas - Salas de Dança e Teatro 8
e Espaço de Eventos Interior
Camarins 9
Sala de Cacifos 10
Vestíbulo 11
**Sala de Estar 12**

**Media e Digital - Atelier de Videoarte 13**
**Media e Digital - Sala de Edição 14**
**Gabinete 15**
**Som e Música - Sala de ensaio musical 16**
**Som e Música - Sala de gravação 17**
**Espaço de exposições 18**
**Sala de reuniões 19**

Artes Visuais - Atelier de Madeira 20
Artes Visuais - Atelier de Pintura 21
Biblioteca 22
Sala de trabalho em grupo 23
Sala de Contemplação 24





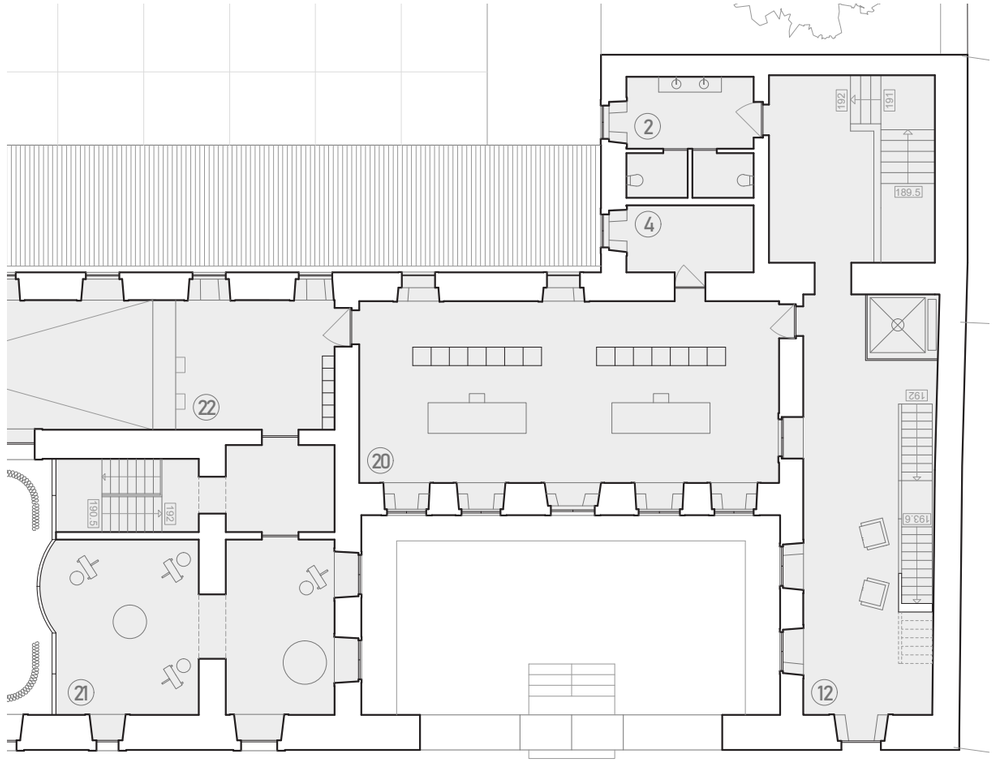

**5.15** - Planta de nível 2 | 1:200

Pátio de Entrada A
Espaço de eventos ao ar livre B
Jardim C
Plataforma de exposição D
Portaria E
Varanda F
Miradouro G

Receção 1
**Instalação Sanitária 2**
Bengaleiro 3
**Área Técnica 4**
Cafetaria 5
Copa 6
Arrumos 7
Artes Performativas - Salas de Dança e Teatro 8
e Espaço de Eventos Interior
Camarins 9
Sala de Cacifos 10
Vestíbulo 11
**Sala de Estar 12**

Media e Digital - Atelier de Videoarte 13
Media e Digital - Sala de Edição 14
**Gabinete 15**
Som e Música - Sala de ensaio musical 16
Som e Música - Sala de gravação 17
Espaço de exposições 18
**Sala de reuniões 19**

**Artes Visuais - Atelier de Madeira 20**
**Artes Visuais - Atelier de Pintura 21**
**Biblioteca 22**
**Sala de trabalho em grupo 23**
Sala de Contemplação 24



**5.16** - Secção Construtiva | 1:100



### 5.1.5 Materialidade e Linguagem

A materialidade da intervenção procura estabelecer continuidade com a memória construtiva do convento, evitando uma linguagem excessivamente contrastante com a pré-existência. A proposta mantém a leitura dominante da alvenaria de pedra, dos rebocos tradicionais e das coberturas inclinadas, introduzindo novos elementos de forma discreta e compatível com o carácter do conjunto.

A madeira assume-se como o principal material das novas adições, sendo utilizada em divisórias, pavimentos, coberturas e plataformas. A sua presença permite introduzir novos usos e sistemas espaciais de forma leve e reversível, reforçando uma atmosfera mais próxima, habitável e adequada aos espaços de trabalho, leitura e permanência.

Ao nível construtivo, a reabilitação da cobertura mantém a expressão tradicional da telha de aba e canudo, recorrendo a uma estrutura em madeira e à introdução de isolamento térmico e acústico. Nas paredes exteriores, a melhoria do desempenho térmico é resolvida pelo interior, através de subestrutura em madeira, isolamento e acabamento interior em gesso cartonado, preservando assim a imagem exterior do edifício.

Deste modo, a intervenção não procura afirmar-se por contraste, mas por continuidade. Os novos elementos são reconhecíveis enquanto adições contemporâneas, mas mantêm uma escala, materialidade e presença compatíveis com o convento.

## 5.1 Casa da Liberdade

### 5.2.1 Estratégia habitacional e ideia de comunidade

A intervenção na Casa da Liberdade procura transformar a pré-existência numa residência artística coletiva associada ao centro artístico e cultural instalado no Convento das Dominicas. A proposta organiza-se em torno de uma lógica de habitação partilhada, combinando espaços privados de alojamento com áreas comuns de convivência, refeição e permanência coletiva.

A organização do edifício parte da estrutura existente da ruína, procurando preservar a sua implantação, volumetria e compartimentação sempre que possível. A intervenção descarta uma reconstrução total do conjunto, preservando as fachadas existentes e concentrando as demolições nas paredes interiores, de modo a adaptar a organização espacial às novas necessidades espaciais.

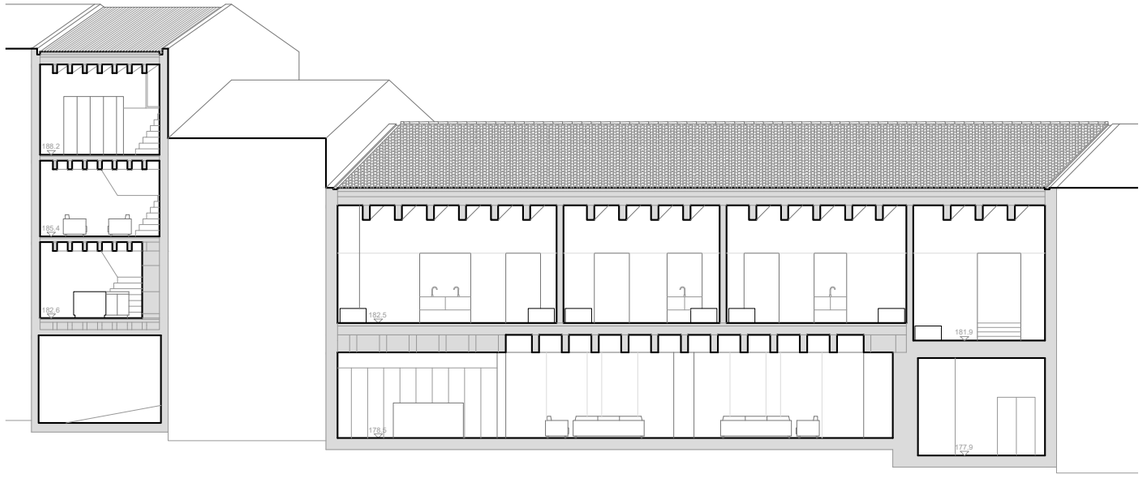
Os espaços comuns localizam-se no piso térreo, estabelecendo uma relação direta com o logradouro e com os espaços exteriores do edifício. A cozinha, sala de refeições e sala de estar funcionam como núcleo coletivo da residência, incentivando momentos de encontro informal e utilização quotidiana partilhada.

**5.17** - Alçado da Rua | 1:200





**5.18** - Secção Longitudinal | 1:200



### 5.2.2 Organização dos Espaços Comuns

Os espaços comuns da Casa da Liberdade concentram-se maioritariamente no piso térreo, funcionando como base coletiva da residência. Esta opção permite reservar os pisos superiores para as unidades de alojamento e concentrar no nível de entrada os programas associados à convivência, refeição, apoio e relação com o exterior.

A entrada organiza-se a partir de uma receção de pequena escala, que estabelece a transição entre a rua e o interior da residência. A partir deste ponto desenvolvem-se os principais espaços coletivos, nomeadamente a sala de estar, a sala de refeições e a cozinha, pensados como áreas de uso diário e partilhado pelos residentes. A cozinha assume uma dimensão doméstica ligeiramente ampliada, permitindo assim, uma utilização coletiva.

A sala de refeições articula-se diretamente com a cozinha e com a sala de estar, formando um núcleo comum contínuo, associado à permanência e ao encontro informal. Este espaço central assume-se como uma área livre e permeável, capaz de estabelecer uma ligação espacial entre a via pública, os espaços interiores de convivência e o logradouro. Esta organização aproxima os diferentes momentos da vida quotidiana — cozinhar, comer, conversar e conviver — reforçando a dimensão doméstica e comunitária da residência.

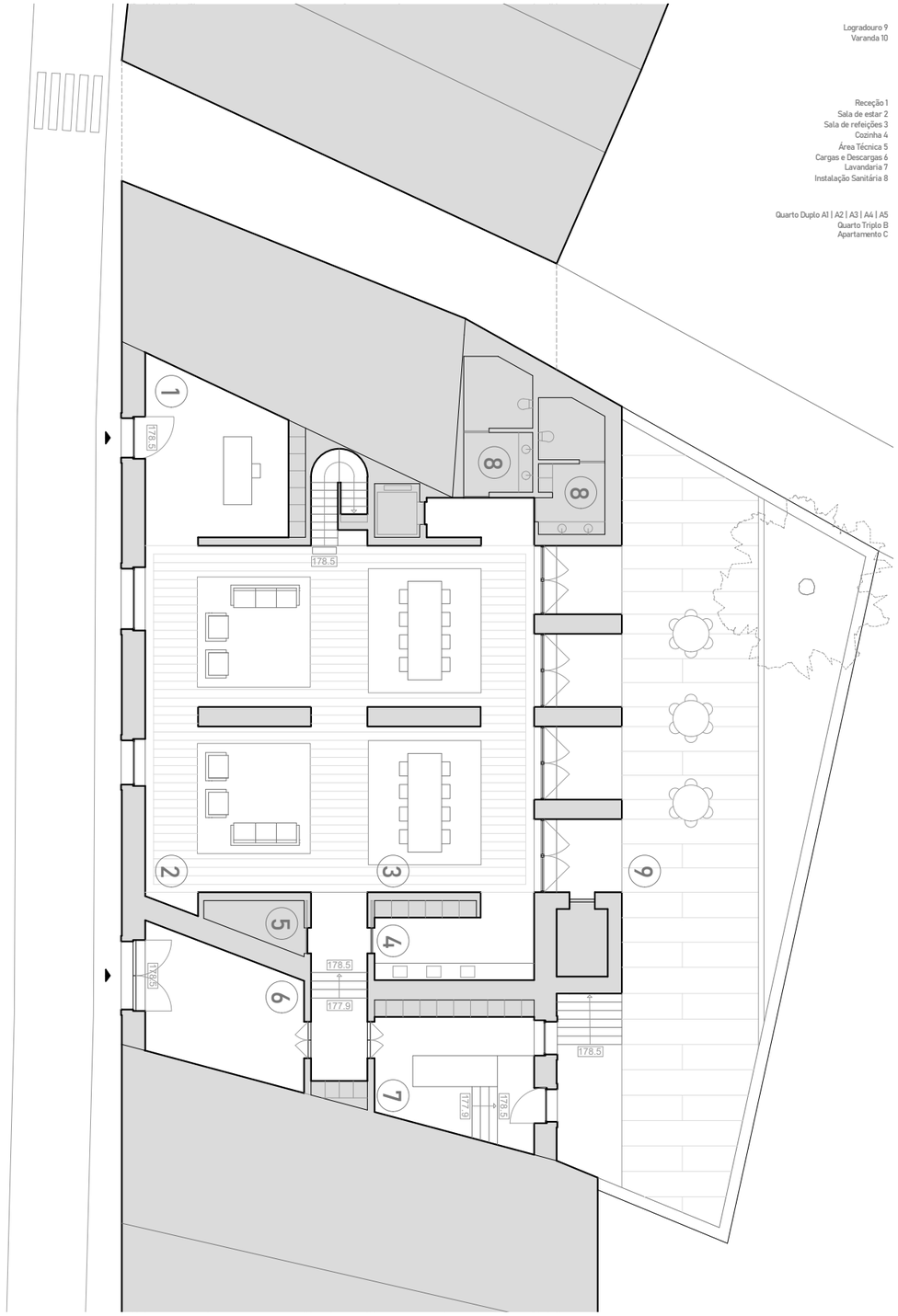


O logradouro funciona como extensão natural dos espaços comuns interiores. A relação direta entre o piso térreo e o exterior permite expandir as atividades da residência para o espaço aberto, possibilitando refeições ao ar livre, momentos de descanso, pequenas atividades coletivas ou utilizações mais informais ligadas à vivência diária dos habitantes.

Os espaços de serviço, como a lavandaria, a área técnica e a zona de cargas e descargas, são integrados no piso térreo de forma funcional, apoiando o uso diário da residência sem interferir diretamente na dinâmica dos espaços principais de convivência. Esta organização permite separar os fluxos de apoio dos espaços de permanência, mantendo uma leitura clara entre áreas comuns, áreas técnicas e zonas privadas.

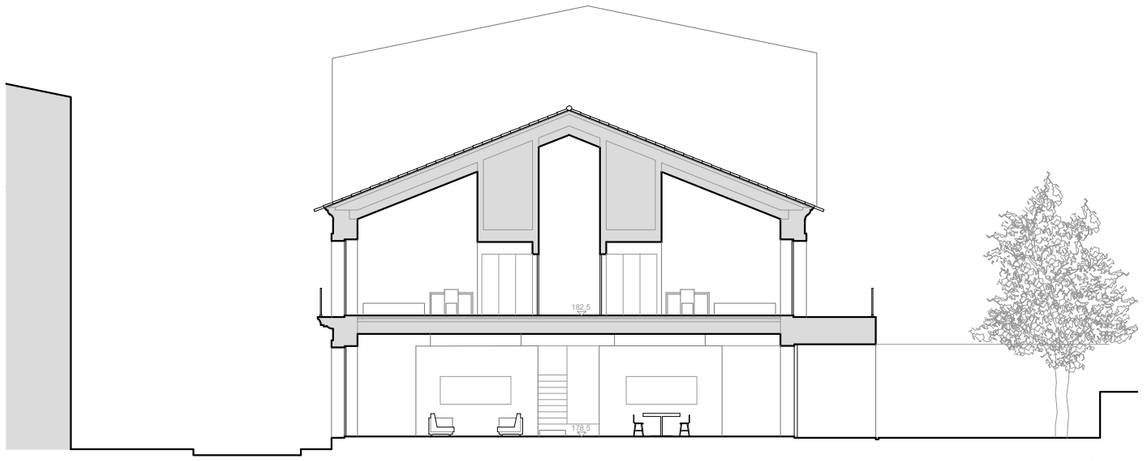
Deste modo, o piso térreo assume-se como o principal espaço coletivo da Casa da Liberdade, articulando os usos domésticos fundamentais com a relação ao logradouro e garantindo uma base quotidiana para a construção de comunidade entre os residentes.

**5.19** - Planta de nível 0 | 1:200






**5.20** - Secção Transversal A | 1:200



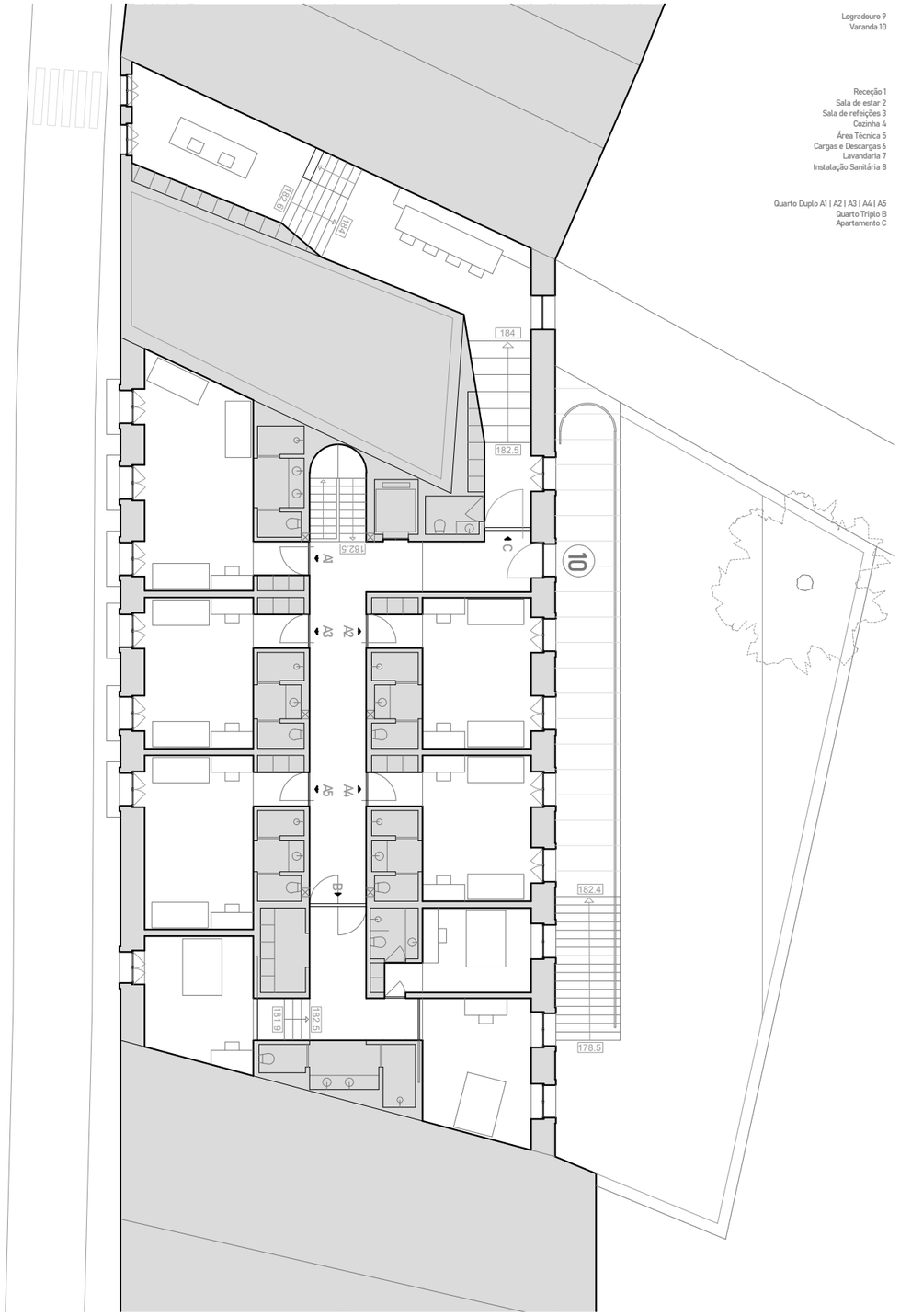
### 5.2.3 Tipologias

No piso superior concentram-se as unidades de alojamento, organizadas a partir de um corredor central que distribui as diferentes tipologias para ambas as orientações do edifício. Esta solução permite uma organização clara e eficiente dos quartos, mantendo uma leitura simples da estrutura longitudinal da casa e garantindo o funcionamento autónomo das áreas privadas em relação aos espaços comuns do piso térreo.

As unidades de alojamento organizam-se em três tipologias distintas, permitindo responder a diferentes formas de permanência e composição dos residentes. A proposta combina quartos partilhados, unidades de grupo e um apartamento autónomo, procurando adaptar a diversidade habitacional à estrutura existente do edifício.





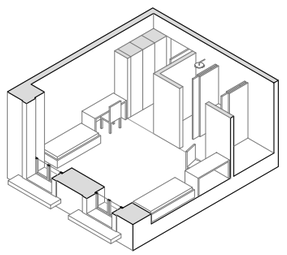


**5.22** - Planta da Tipologia A | 1:200



A **Tipologia A** corresponde ao quarto duplo, pensado para a utilização partilhada por dois residentes.
A organização interior divide-se em três momentos principais: uma zona de entrada com arrumação, um núcleo central livre e uma área de serviço. O espaço central é deixado propositadamente mais flexível, permitindo que os residentes disponham o mobiliário de acordo com as suas necessidades e vontades.
A instalação sanitária divide-se através de uma zona comum de lavatórios e dois compartimentos independentes, uma destinada à sanita e outra ao duche, permitindo a utilização simultânea dos diferentes equipamentos.



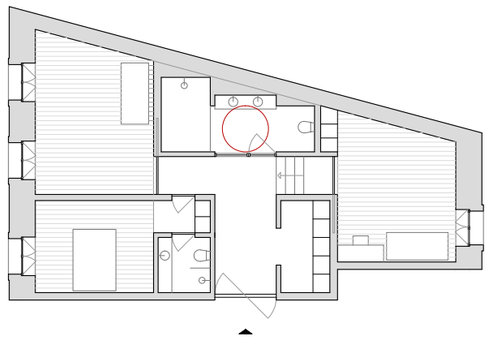


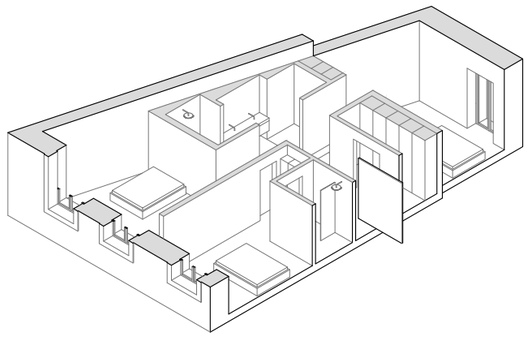
**5.23** - Axonometria da Tipologia A | 1:200

A **Tipologia B** assume um carácter mais específico e adaptável, podendo funcionar como unidade de grupo. Desenvolve-se com duas frentes e três compartimentos que podem ser encerrados, permitindo diferentes graus de privacidade no interior da unidade. Esta tipologia integra uma instalação sanitária comum dimensionada para pessoas com mobilidade reduzida e inclui ainda um quarto com casa de banho privativa e closet, funcionando como uma suíte dentro da própria unidade.



**5.24** - Planta da Tipologia B | 1:200





**5.25** - Axonometria da Tipologia B | 1:200

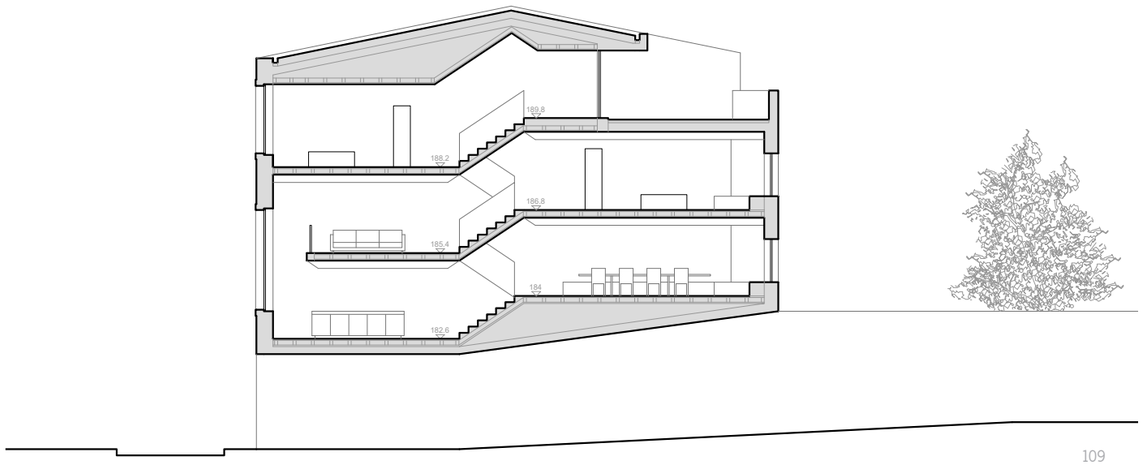
A **Tipologia C** corresponde a um apartamento autónomo, podendo acolher uma residência de carácter mais permanente. Implantada numa parcela estreita, com cerca de 3,20 metros de largura, esta unidade transforma a própria limitação dimensional num tema de projeto. A organização desenvolve-se em meios pisos, articulados por uma escada central que funciona como elemento de distribuição vertical. A partir da cota da sala de refeições, o percurso desce até à cozinha, situada junto à via pública, e articula-se com uma sala de estar em mezzanine. Nos níveis superiores sucedem-se os quartos e respetivas instalações sanitárias, terminando num terraço orientado a sul, com vista para a encosta da Penha.

Toda a volumetria encontra-se elevada em relação ao solo, libertando um percurso pedonal público no piso inferior. Esta passagem permite estabelecer uma ligação entre os dois parques de estacionamento do centro de Guimarães, nomeadamente o parque de Camões e o parque do Campo da Feira, integrando a unidade habitacional numa lógica de permeabilidade urbana.

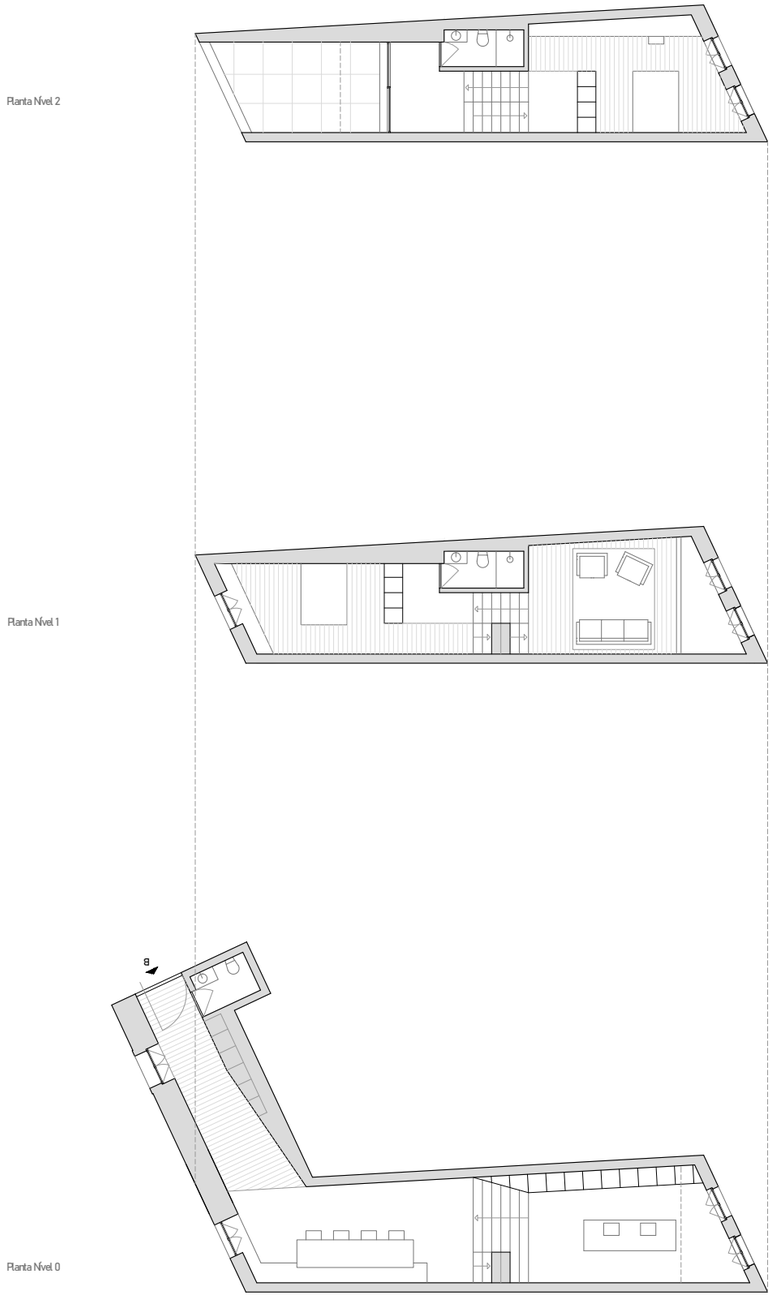
No conjunto, as três tipologias procuram responder a diferentes modos de habitar: a partilha quotidiana, a permanência em grupo e a residência autónoma. Esta diversidade permite que a Casa da Liberdade funcione como uma estrutura habitacional flexível, capaz de acolher diferentes ritmos, durações e formas de apropriação.



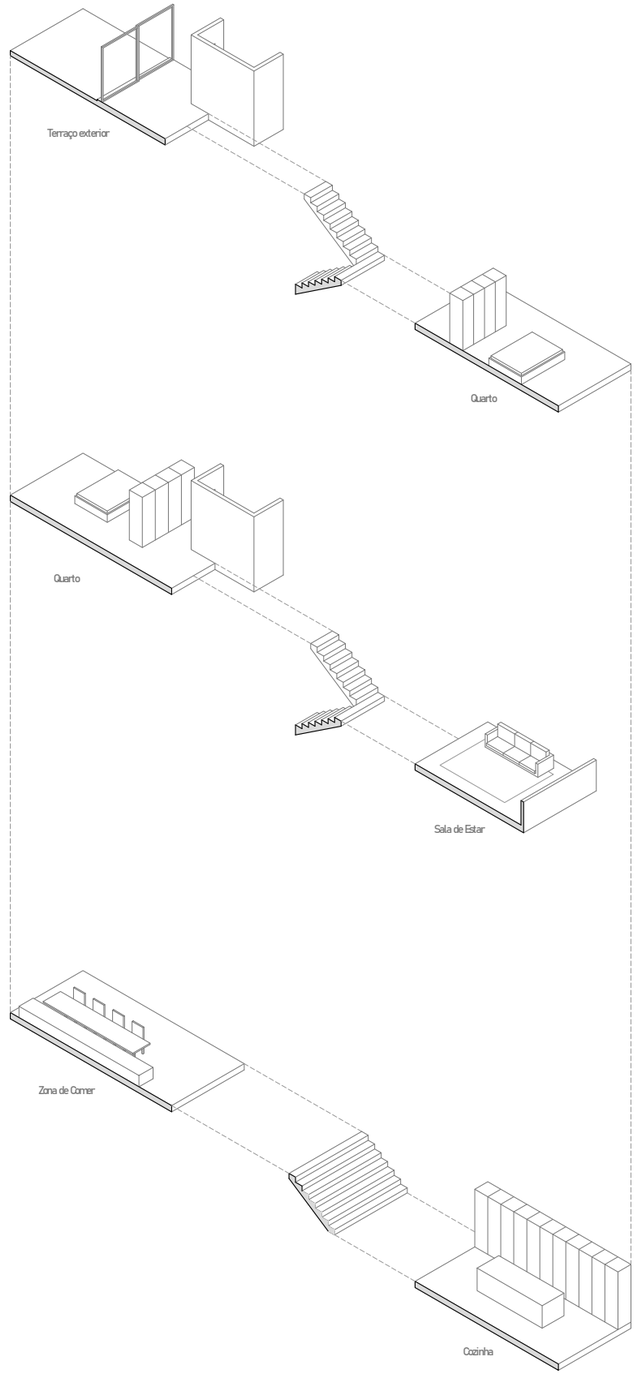
**5.26** - Secção Transversal | 1:200



**5.27** - Planta da Tipologia C | 1:200




**5.28** - Axonometria da Tipologia C | 1:200



## 6 Considerações Finais

O presente trabalho partiu de uma preocupação inicial com a perda de habitação permanente nos centros históricos e com a necessidade de criar condições para fixar população nestes territórios. Numa primeira fase, a habitação surgiu como resposta mais imediata ao problema da desertificação urbana. No entanto, o desenvolvimento da investigação permitiu perceber que a simples introdução de habitação, embora necessária, seria insuficiente para responder à complexidade do problema.

A fixação populacional não depende apenas da existência de casas ou quartos disponíveis. Depende também da capacidade da cidade em oferecer condições de vida quotidiana, relações de proximidade, espaços de trabalho, encontro, cultura, serviços e comunidade. Neste sentido, tornou-se claro que a resposta ao problema não poderia limitar-se a uma intervenção habitacional isolada, mas deveria procurar construir uma estrutura mais ampla e capaz de estimular a permanência.

Foi neste processo que a cultura surgiu como possível motor de ativação urbana. Não entendida como evento pontual, consumo turístico ou programação ocasional, mas como prática continuada, capaz de gerar rotinas, presença diária e relações entre pessoas. A criação de um programa cultural permanente, intenso e ligado à produção artística permite introduzir uma nova dinâmica no centro histórico, capaz de melhorar a qualidade de vida de quem já o habita e, simultaneamente, tornar o centro mais atrativo para novas formas de permanência.

A articulação entre o Convento das Dominicas e a Casa da Rua da Liberdade procura responder precisamente a esta reflexão. O convento assume-se como estrutura cultural e coletiva, capaz de concentrar produção, exposição, eventos, trabalho e convivência. A Casa da Liberdade introduz a dimensão habitacional, não como resposta isolada, mas como complemento de um sistema mais amplo de vida urbana. A residência ganha sentido porque se relaciona com uma estrutura cultural ativa, e o polo cultural ganha continuidade porque encontra na habitação uma forma de prolongar a sua presença quotidiana.

Ao longo do desenvolvimento do projeto, e no âmbito do tema do Decrescimento proposto em Atelier Integrado, um dos principais desafios passou por compreender até onde deveria ir a intervenção. Trabalhar sobre pré-existências tão distintas, marcadas pela degradação mas com elevado valor patrimonial fez-me descartar, de imediato, a ideia de transformação total e obrigou-me a procurar soluções mais contidas, precisas e estritamente necessárias. Esta postura acabou por orientar todo o processo, levando-me a perceber que a intervenção mínima não é uma redução da arquitetura, mas uma forma mais consciente de a praticar.



No Convento das Dominicas, essa atitude traduziu-se na procura de novos usos a partir das qualidades espaciais do próprio edifício. A igreja, pela sua escala e monumentalidade, revelou capacidade para acolher eventos e práticas performativas sem exigir uma transformação profunda. As alas conventuais permitiram a instalação de ateliers através de adaptações pontuais, enquanto o claustro e o espaço exterior foram reinterpretados através de plataformas simples. Algumas demolições estratégicas, como a reabertura de vãos ou a remoção de elementos que comprometiam a continuidade espacial, revelaram-se suficientes para melhorar a leitura, o uso e a relação entre espaços. Neste sentido, esta maneira de projetar tornou-se uma descoberta e uma nova e feliz aprendizagem.

Na Casa da Liberdade, a intervenção confrontou-se com outros desafios, ligados à escala  da parcela e volumetria do objeto. As condicionantes do edifício não foram entendidas como obstáculos, mas como ponto de partida para desenvolver novas formas de habitar. A habitação partilhada permitiu reduzir a repetição de infraestruturas individuais e reforçar a importância dos espaços comuns como lugares de encontro e vida comunitária. A introdução do apartamento numa parcela estreita (3,2m de largura) tornou-se uma experiência e uma descoberta, explorando uma organização em meios pisos que rentabiliza melhor a dimensão reduzida do lote e transforma a escada num elemento central de distribuição, acrescentando também qualidade espacial ao conjunto.

Deste processo resulta uma aprendizagem importante: a arquitetura pode atuar de forma depurada, sem depender de grandes operações formais e construtivas. Em muitos momentos, pequenas decisões — abrir, limpar, consolidar, ligar, adaptar — revelaram-se suficientes para transformar profundamente a experiência dos espaços. A intervenção mínima, quando pensada de forma estratégica, pode tornar-se uma ferramenta poderosa para descobrir novos usos, reforçar relações existentes e devolver qualidade espacial ao património construído.

## Bibliografia


_AMAG PUBLISHER. AMAG PT 03: João Mendes Ribeiro. Matosinhos: AMAG Publisher, 2023.

_KRIER, Léon. The Architecture of Community. Washington, D.C.: Island Press, 2009.

_NEVES, José Manuel das. Portuguese Restored Houses. Lisboa: Uzina Books, 2014.

_SANTOS, João Carlos dos. Mosteiro de São Martinho de Tibães: Project and Commitment. Porto: Uzina Books, 2013.

_SOUTO DE MOURA, Eduardo. Eduardo Souto Moura: Santa Maria do Bouro. Lisboa: Editorial Blau, 2001.

_SOUTO DE MOURA, Eduardo. Convento das Bernardas, Tavira, Portugal. Lisboa: Uzina Books, 2013.

LEAL, Ana, ed. Eduardo Souto de Moura: Casa em Braga. Matosinhos: AMAG Publisher, 2025.

Dissertações:

_COSTA, Daniel Santos. Arquitectura Espontânea: O Convento das Dominicas. Guimarães: Universidade do Minho, 2017. Dissertação de Mestrado em Arquitetura.

_PONTES, Célia Maria Vilela. Casas Brasonadas de Guimarães: Um Itinerário Turístico-Cultural. Volume II. Braga: Universidade do Minho, 2013. Dissertação de Mestrado em Património e Turismo Cultural.




## Webgrafia


_ Arquivo Municipal do Porto. (n.d.). Documento 259770. Em: https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/259770/.

_ Câmara Municipal de Guimarães. (n.d.). Centro Histórico de Guimarães, UNESCO 2001. Em: https://www.cm-guimaraes.pt/municipio/patrimonio-mundial/centro-historico-de-guimaraes-unesco-2001.

_ Centro Infantil e Cultural Popular. (n.d.). Centro Infantil e Cultural Popular. Em: https://cicp-guimaraes.blogspot.com/.

_ Comberg, E. (2018). A Different Kind of Architectural Drawing: Léon Krier's Sketches. ArchDaily. Em: https://www.archdaily.com/896720/a-different-kind-of-architectural-drawing-leon-kriers-sketches.

_ Duas Caras. (2016). Muralha alerta para "considerável estado de degradação" do Convento das Dominicas. Em: https://duascaras.pt/2016/11/07/muralha-alerta-para-consideravel-estado-de-degradacao-do-convento-das-dominicas/.

_ ENOTA Architects. (n.d.). Renovation of former Dominican Monastery to Performance Center. Em: https://www.enota.si/all/2016052609014817/.

_ Sistema de Informação para o Património Arquitetónico. (n.d.). Casa de Cimães. Em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=27438.

_ Sistema de Informação para o Património Arquitetónico. (n.d.). Convento de Santa Rosa de Lima / Convento das Dominicas. Em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=27392.

**índice de imagens**

Nota: As imagens sem referência foram elaboradas ou captadas pelo autor.


**2.01** - Esquissos explicativos | Léon Krier | Archdaily
**2.02** - Esquissos explicativos | Léon Krier | Archdaily
**2.03** - Esquissos explicativos | Léon Krier | Archdaily

**3.01** - Esquema explicativo | da autoria de João Pereira e Maria Carneiro
**3.02** - Ortofotomapa da cidade de Guimarães
**3.03** - Fotografia | Fábrica Curtumes
**3.04** - Fotografia | Fábrica do Arquinho
**3.05** - Fotografia | Habitação degradada
**3.06** - Fotografia | Ruína
**3.07** - Fotografia | Ruína
**3.08** - Fotografia | Ruína
**3.09** - Fotografia | Portão
**3.10** - Fotografia | Casa sobre o rio Couros
**3.11** - Painel | Levantamento de Edifícios Devolutos | da autoria de João Pereira e Maria Carneiro
**3.12** - Painel | Identificação Casos de Estudo | da autoria de João Pereira e Maria Carneiro
**3.13** - Fotografia | Portal nascente
**3.14** - Fotografia Aérea
**3.15** - Fotografia | Entrada Igreja | SIPA
**3.16** - Fotografia | Portal Nascente | SIPA
**3.17** - Fotografia | Átrio Entrada
**3.18** - Fotografia | Peça rotativa para depósito de crianças | SIPA
**3.19** - Fotografia antiga | Claustro | Arquivo Municipal do Porto
**3.20** - Fotografia Aérea
**3.21** - Fotografia | Varanda Claustro | SIPA
**3.22** - Fotografia | Varanda Claustro | SIPA
**3.23** - Fotografia | Claustro
**3.24** - Fotografia | Entrada
**3.25** - Levantamento | Alçado Rua
**3.26** - Levantamento | Planta nível 0
**3.27** - Casa Cimães
**3.28** - Levantamento | Planta nível 0
**3.29** - Levantamento | Alçado Rua
**3.30** - Fotografia aérea
**3.31** - Fotografia | Passagem pedonal
**3.32** - Fotografia | Fachada Norte
**3.33** - Fotografia aérea

**4.01** - Esquema explicativo | Programa
**4.02** - Esquema explicativo | Programa

**5.01** - Alçado Tardoz
**5.02** - Planta Nível 0
**5.03** - Secção Transversal
**5.04** - Planta nível 1
**5.05** - Secção Longitudinal
**5.06** - Planta nível 2
**5.07** - Planta de Localização
**5.08** - Fotografia | Igreja de Ptuj, Eslovénia, 2010-2015, Enota Architects | enota.si
**5.09** - Secção Longitudinal
**5.10** - Fotografia da situação atual da igreja
**5.11** - Imagem da proposta de intervenção
**5.12** - Perfil de Implantação
**5.13** - Planta de Implantação
**5.14** - Planta nível 1
**5.15** - Planta nível 2
**5.16** - Secção Construtiva
**5.17** - Alçado da Rua
**5.18** - Secção Longitudinal
**5.19** - Planta nível 0
**5.20** - Secção Transversal A
**5.21** - Planta nível 1
**5.22** - Planta Tipologia A
**5.23** - Axonometria Tipologia A
**5.24** - Planta Tipologia B
**5.25** - Axonometria Tipologia B
**5.26** - Secção Transversal B
**5.27** - Planta Tipologia C
**5.28** - Axonometria Tipologia C

**Universidade do Minho**
Escola de Arquitetura, Arte e Design

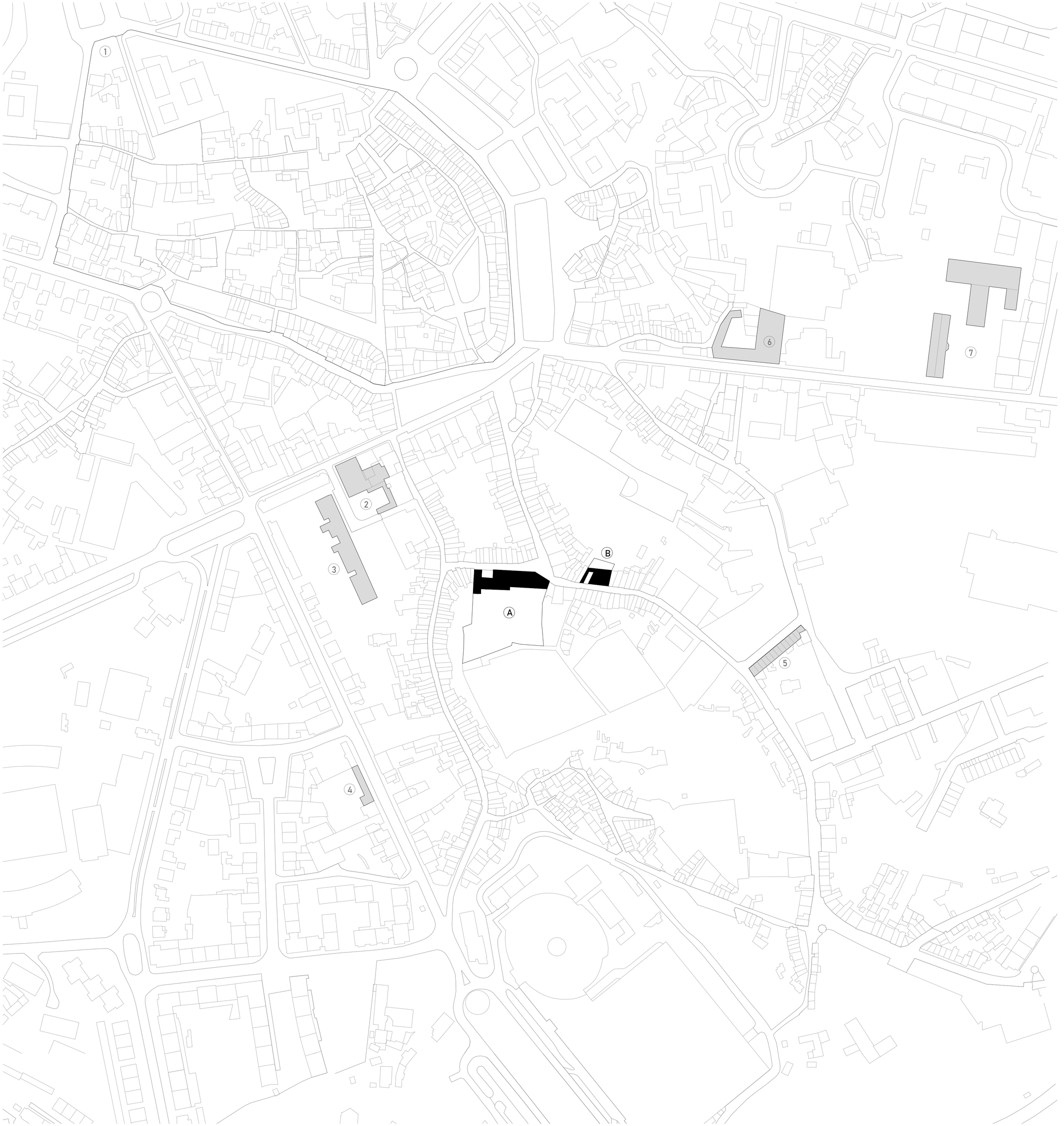
João Miguel Rodrigues Pereira

# (Re)Habitar o Centro:
## Intervenções no Convento das Dominicas e na Casa da Liberdade, em Guimarães

Volume II

junho de 2026

(Re)Habitar o Centro: Intervenções no Convento das Dominicas e na Casa da Liberdade, em Guimarães
João Miguel Rodrigues Pereira
Uminho | 2026




**Convento das Dominicas A**
**Casa da Liberdade B**

Centro Histórico 1
Sociedade Martins Sarmento 2
CIAJG 3
Casa da Memória 4
CAAA 5
Teatro Jordão | Escola Artes Visuais 6
Centro Cultural Vila Flor 7

Autor | João Miguel Rodrigues Pereira
Peças Desenhadas

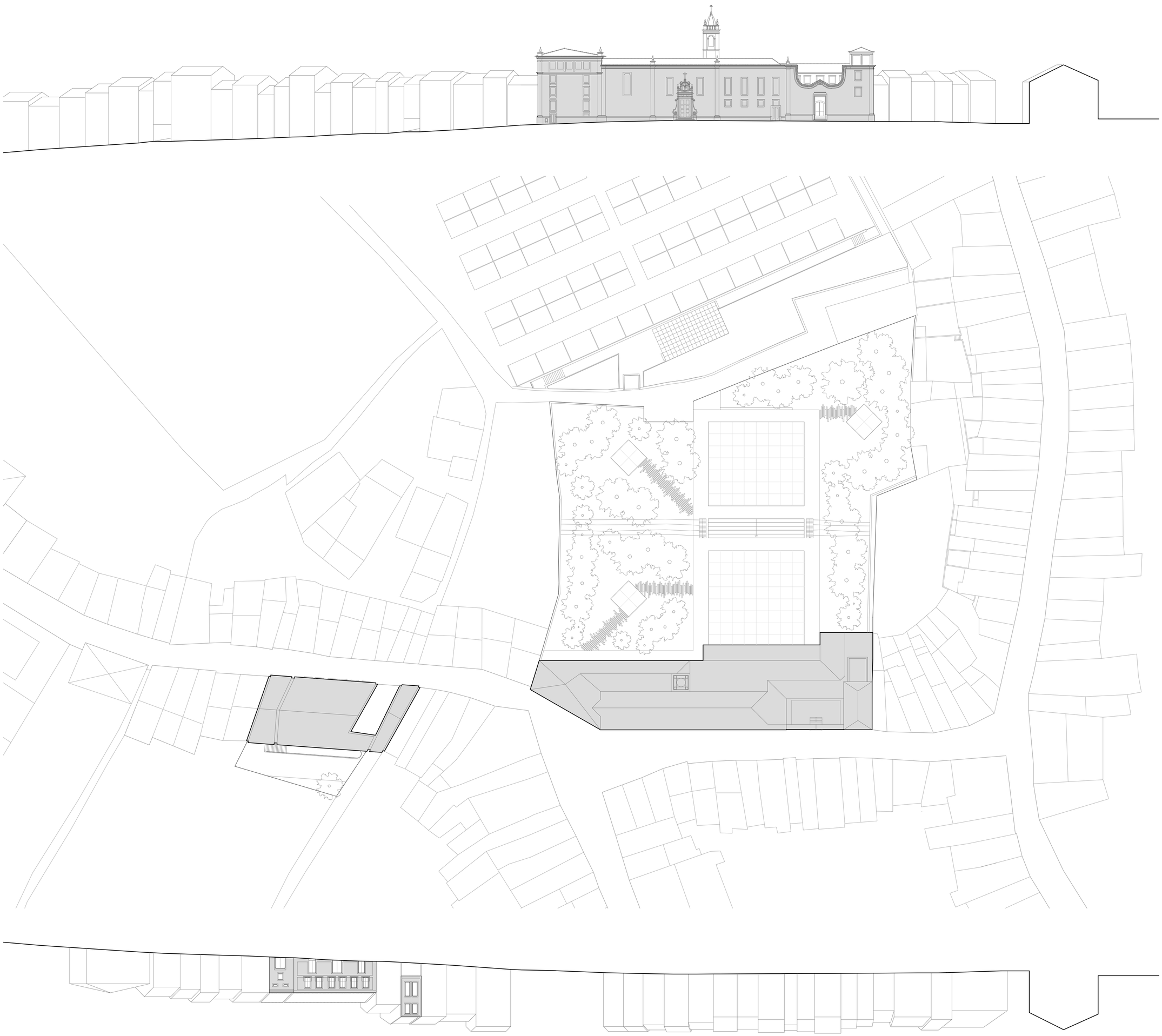
# Planta de Localização

01

0 20 100

junho de 2026

N



Autor | João Miguel Rodrigues Pereira
Peças Desenhadas

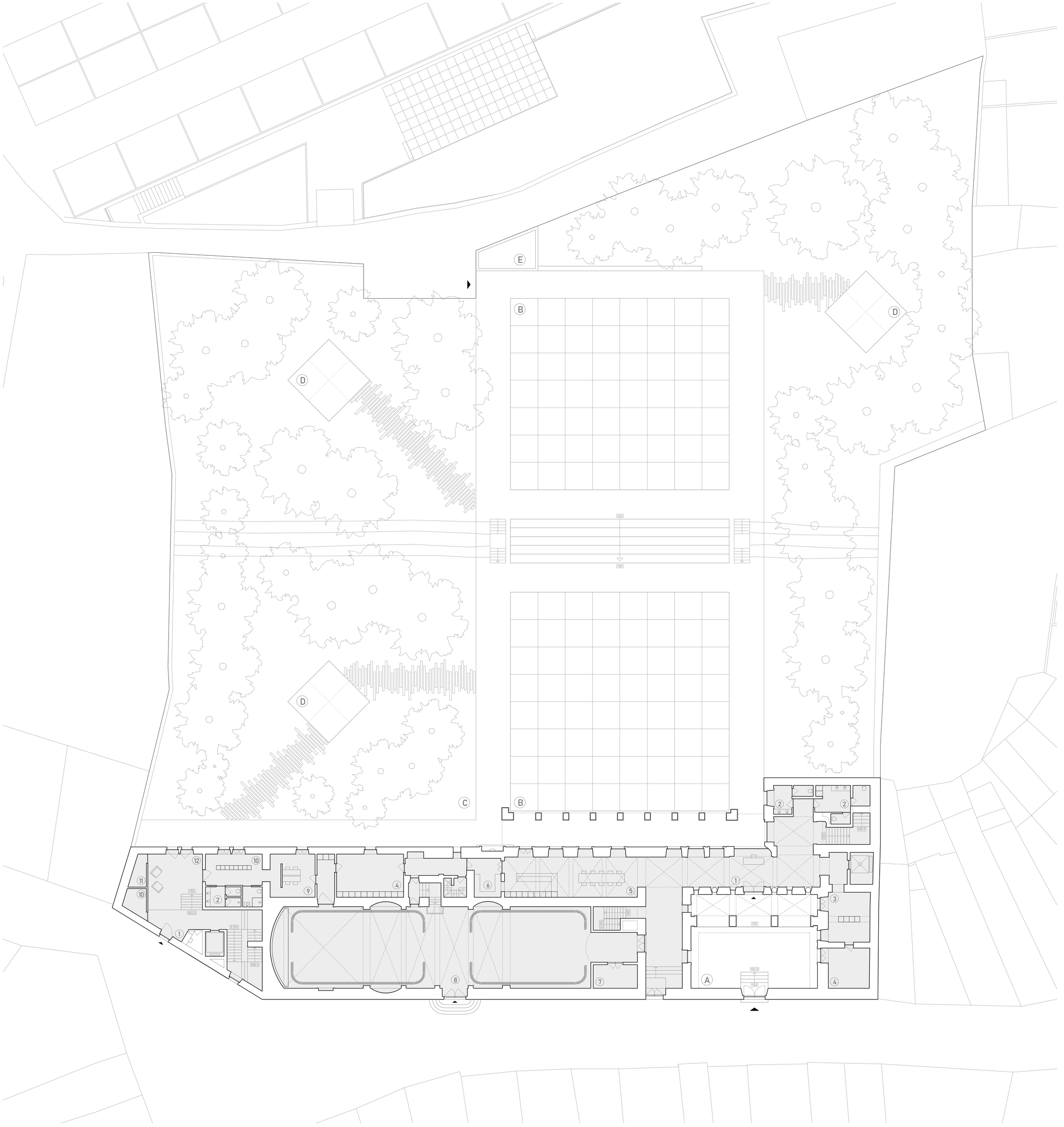
# Planta + Perfis de Implantação

# 02

0 5 25

junho de 2026

N




Pátio de Entrada A
Espaço de eventos ao ar livre B
Jardim C
Plataforma de exposição D
Portaria E
Varanda F
Miradouro G

Receção 1
Instalação Sanitária 2
Bengaleiro 3
Área Técnica 4
Cafetaria 5
Copa 6
Arrumos 7
Artes Performativas – Salas de Dança e Teatro 8
e Espaço de Eventos Interior
Camarins 9
Sala de Cacifos 10
Vestíbulo 11
Sala de Estar 12

Media e Digital – Atelier de Videoarte 13
Media e Digital – Sala de Edição 14
Gabinete 15
Som e Música – Sala de ensaio musical 16
Som e Música – Sala de gravação 17
Espaço de exposições 18
Sala de reuniões 19

Artes Visuais – Atelier de Madeira 20
Artes Visuais – Atelier de Pintura 21
Biblioteca 22
Sala de trabalho em grupo 23
Sala de Contemplação 24

Autor | João Miguel Rodrigues Pereira
Peças Desenhadas | Convento das Dominicas

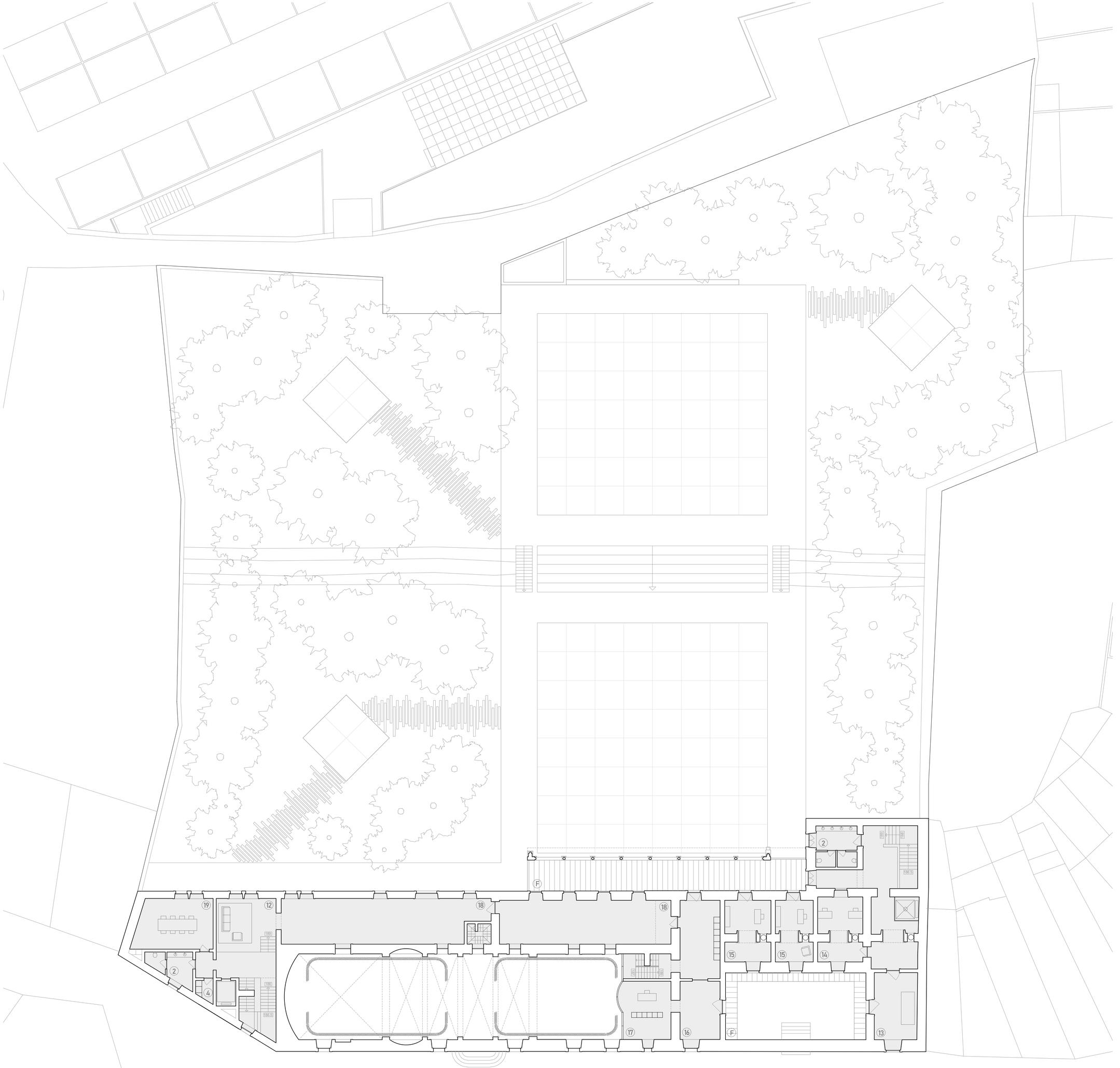
# Planta de Nível 0

03

0 2 10

junho de 2026

N




Pátio de Entrada A
Espaço de eventos ao ar livre B
Jardim C
Plataforma de exposição D
Portaria E
Varanda F
Miradouro G

Receção 1
Instalação Sanitária 2
Bengaleiro 3
Área Técnica 4
Cafetaria 5
Copa 6
Arrumos 7
Artes Performativas – Salas de Dança e Teatro 8
e Espaço de Eventos Interior
Camarins 9
Sala de Cacifos 10
Vestíbulo 11
Sala de Estar 12

Media e Digital – Atelier de Videoarte 13
Media e Digital – Sala de Edição 14
Gabinete 15
Som e Música – Sala de ensaio musical 16
Som e Música – Sala de gravação 17
Espaço de exposições 18
Sala de reuniões 19

Artes Visuais – Atelier de Madeira 20
Artes Visuais – Atelier de Pintura 21
Biblioteca 22
Sala de trabalho em grupo 23
Sala de Contemplação 24

Autor | João Miguel Rodrigues Pereira
Peças Desenhadas | Convento das Dominicas

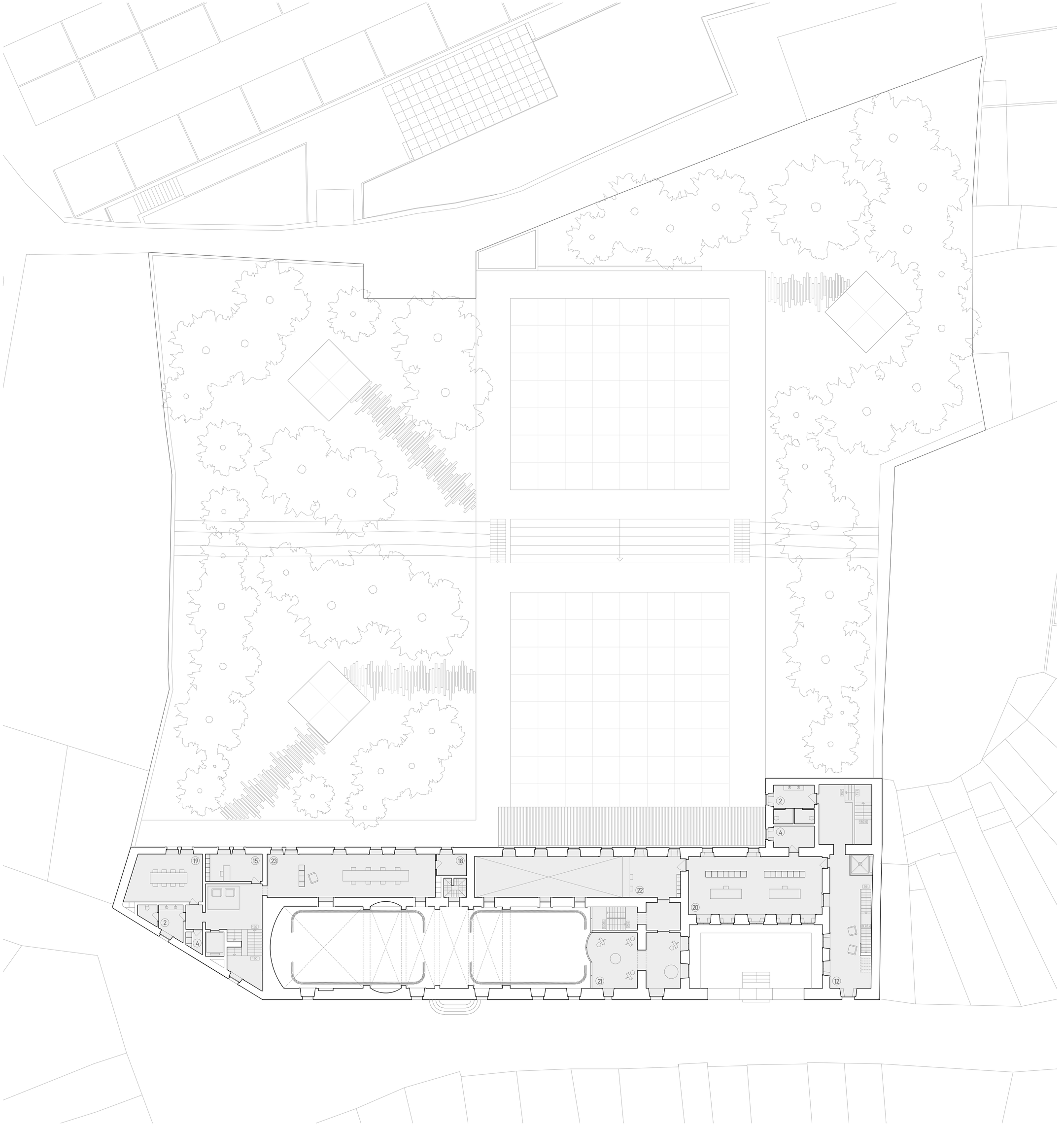
# Planta de Nível 1

# 04

0 2 10

junho de 2026

N



Pátio de Entrada A
Espaço de eventos ao ar livre B
Jardim C
Plataforma de exposição D
Portaria E
Varanda F
Miradouro G

Receção 1
Instalação Sanitária 2
Bengaleiro 3
Área Técnica 4
Cafetaria 5
Copa 6
Arrumos 7
Artes Performativas - Salas de Dança e Teatro 8
e Espaço de Eventos Interior
Camarins 9
Sala de Cacifos 10
Vestíbulo 11
Sala de Estar 12

Media e Digital - Atelier de Videoarte 13
Media e Digital - Sala de Edição 14
Gabinete 15
Som e Música - Sala de ensaio musical 16
Som e Música - Sala de gravação 17
Espaço de exposições 18
Sala de reuniões 19

Artes Visuais - Atelier de Madeira 20
Artes Visuais - Atelier de Pintura 21
Biblioteca 22
Sala de trabalho em grupo 23
Sala de Contemplação 24

Autor | João Miguel Rodrigues Pereira
Peças Desenhadas | Convento das Dominicas

# Planta de Nível 2

# 05

0 2 10

junho de 2026

N




Pátio de Entrada A
Espaço de eventos ao ar livre B
Jardim C
Plataforma de exposição D
Portaria E
Varanda F
**Miradouro G**

Receção 1
Instalação Sanitária 2
Bengaleiro 3
Área Técnica 4
Cafetaria 5
Copa 6
Arrumos 7
Artes Performativas – Salas de Dança e Teatro 8
e Espaço de Eventos Interior
Camarins 9
Sala de Cacifos 10
Vestíbulo 11
Sala de Estar 12

Media e Digital – Atelier de Videoarte 13
Media e Digital – Sala de Edição 14
Gabinete 15
Som e Música – Sala de ensaio musical 16
Som e Música – Sala de gravação 17
Espaço de exposições 18
Sala de reuniões 19

Artes Visuais – Atelier de Madeira 20
Artes Visuais – Atelier de Pintura 21
Biblioteca 22
Sala de trabalho em grupo 23
**Sala de Contemplação 24**

Autor | João Miguel Rodrigues Pereira
Peças Desenhadas | Convento das Dominicas

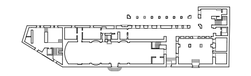
# Planta de Nível 3

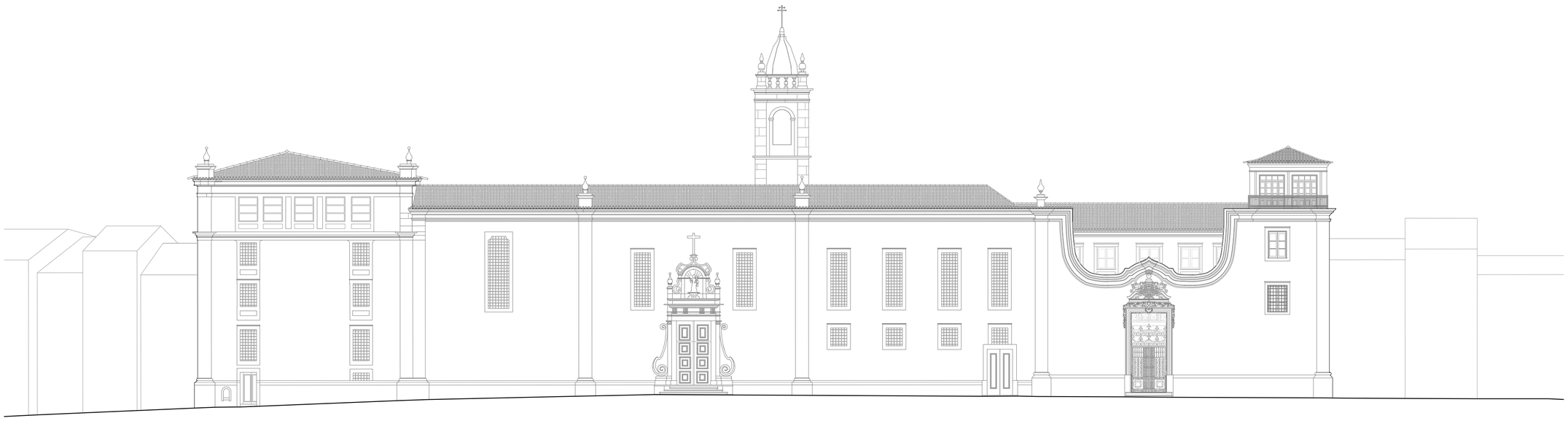
# 06

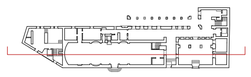
0 2 10

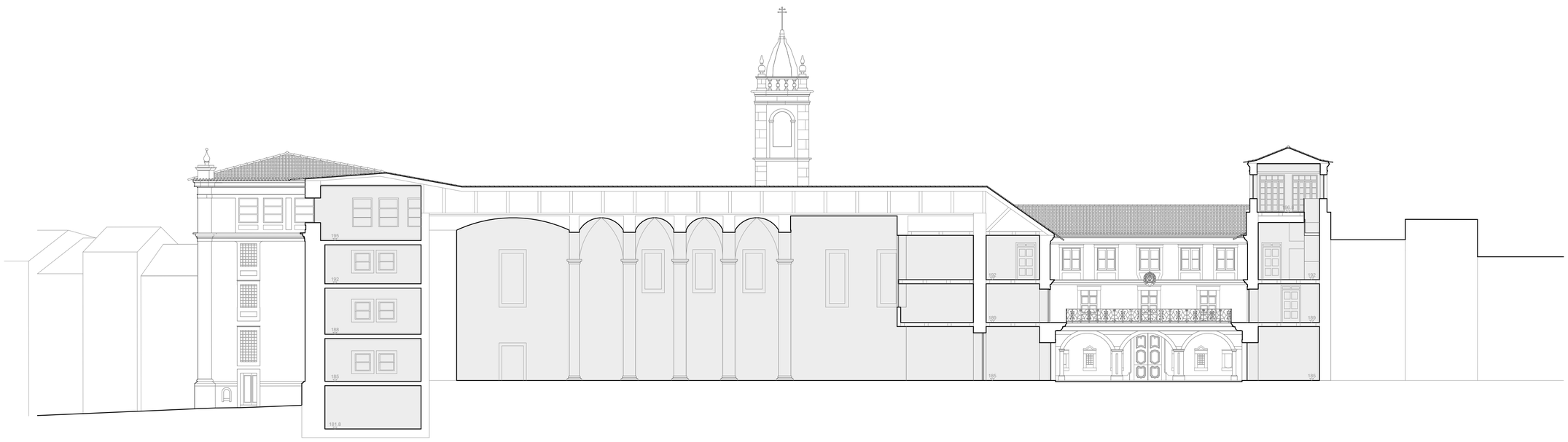
junho de 2026

N









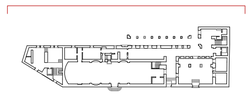

Autor | João Miguel Rodrigues Pereira
Peças Desenhadas | Convento das Dominicas

# Alçado da Rua | Secção Longitudinal A

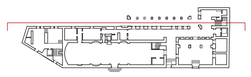
# 07

0 2 10

junho de 2026









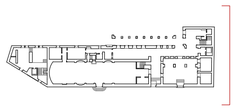
Autor | João Miguel Rodrigues Pereira
Peças Desenhadas | Convento das Dominicas

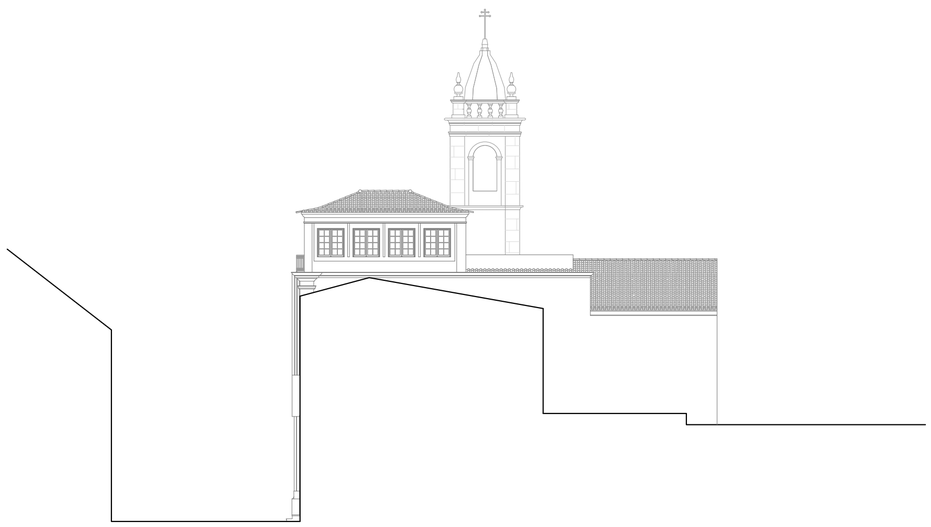
# Alçado do Claustro | Secção Longitudinal B

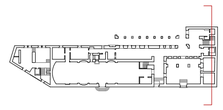
# 08

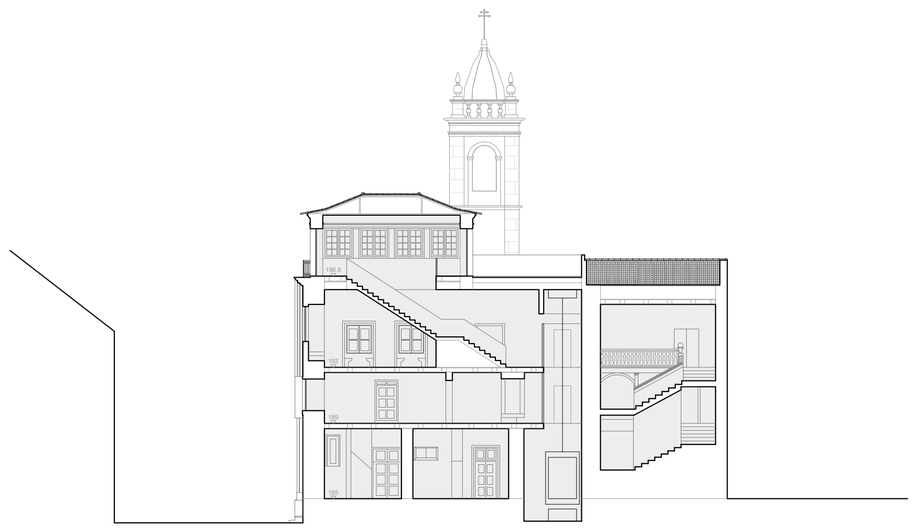
0 2 10

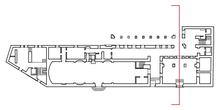
junho de 2026



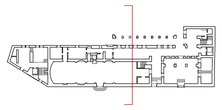












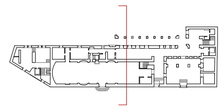

Autor | João Miguel Rodrigues Pereira
Peças Desenhadas | Convento das Dominicas

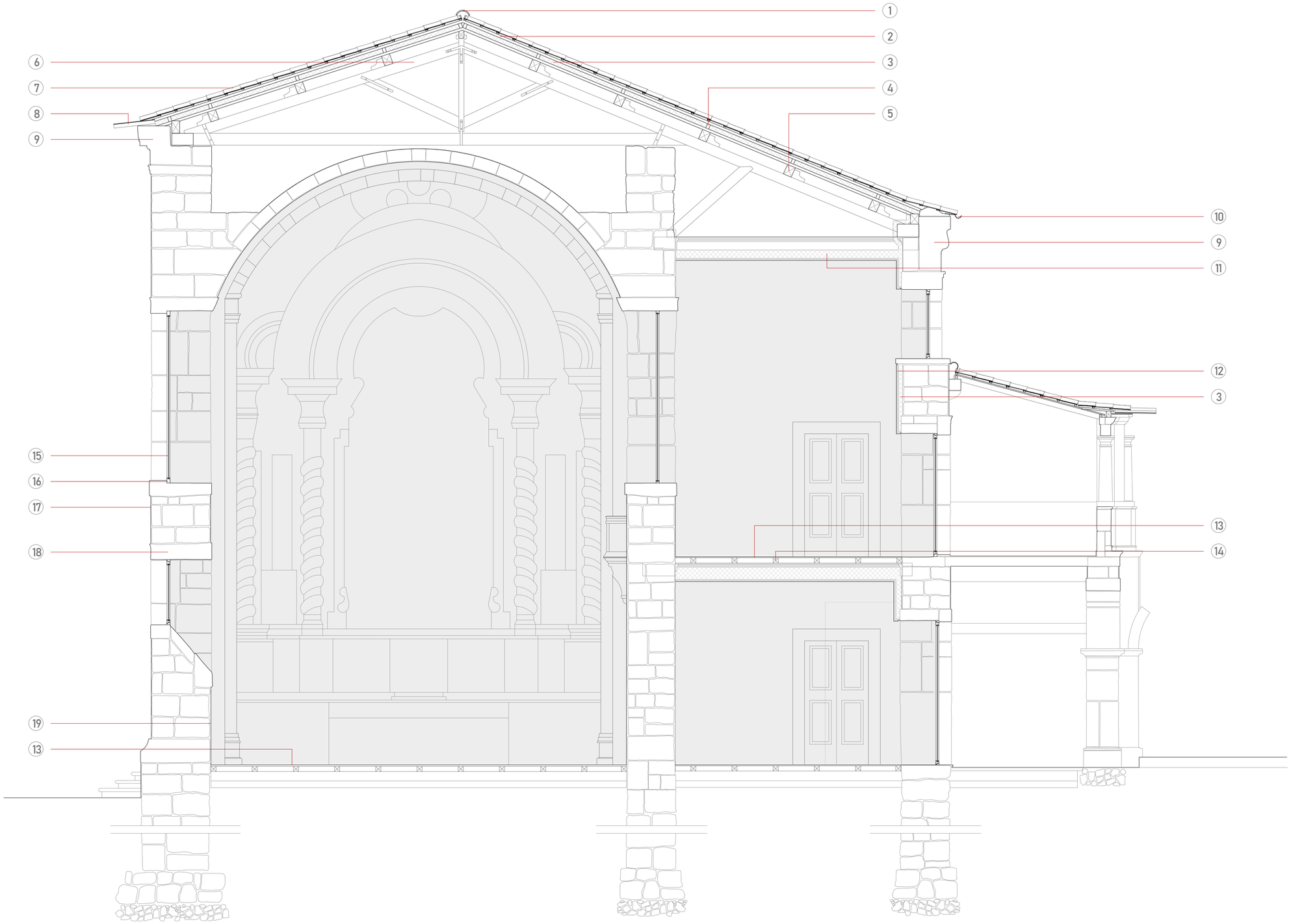
# Alçado Norte | Secções Transversais

09

0 2 10

junho de 2026






Telha cumieira 1
Placa contraplacado 2
Isolamento térmico - XPS 3
Subestrutura em barrotes de madeira (60x90) 4
Subestrutura em barrotes de madeira (160x200) 5
Asna estrutural em madeira 6
Tela tradicional aba e canudo 7
Beiral telhado 8
Pedra de coroamento 9
Caleiro de condução de águas pluviais 10
Isolamento térmico/acústico - lã mineral 11
Gesso cartonado 12
Soalho de madeira pregado - pinho tradicional 13
Subestrutura em barrotes de madeira (100x100) 14
Vidro duplo térmico 15
Caixilho em madeira 16
Acabamento exterior em reboco impermiabilizante 17
Pedra padieira do vão 18
Acabamento interior em reboco pintado 19

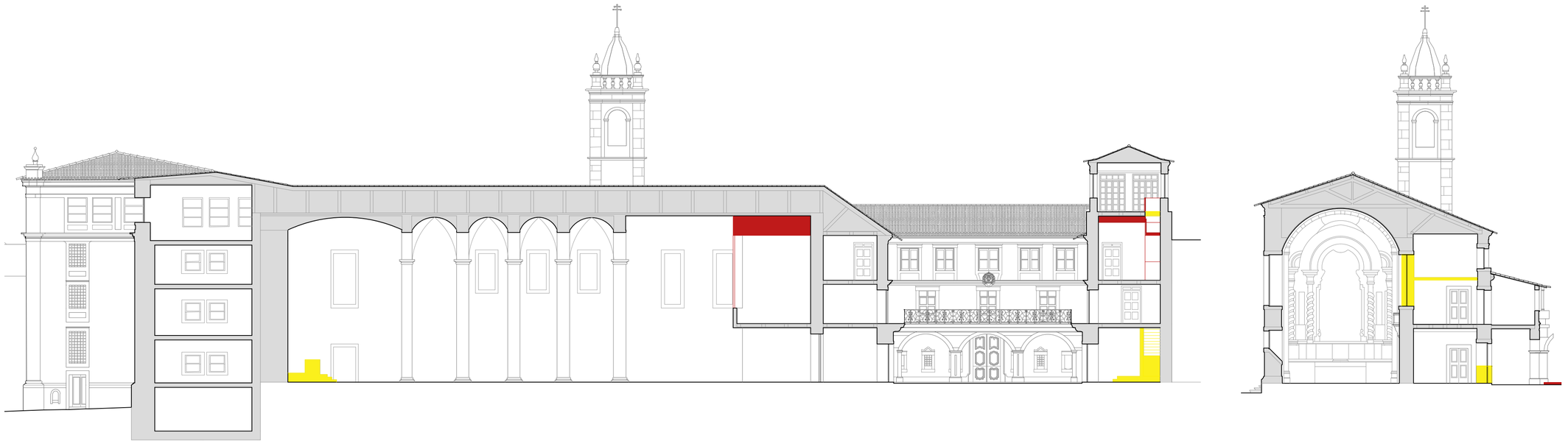
Autor | João Miguel Rodrigues Pereira
Peças Desenhadas | Convento das Dominicas

# Secção Construtiva

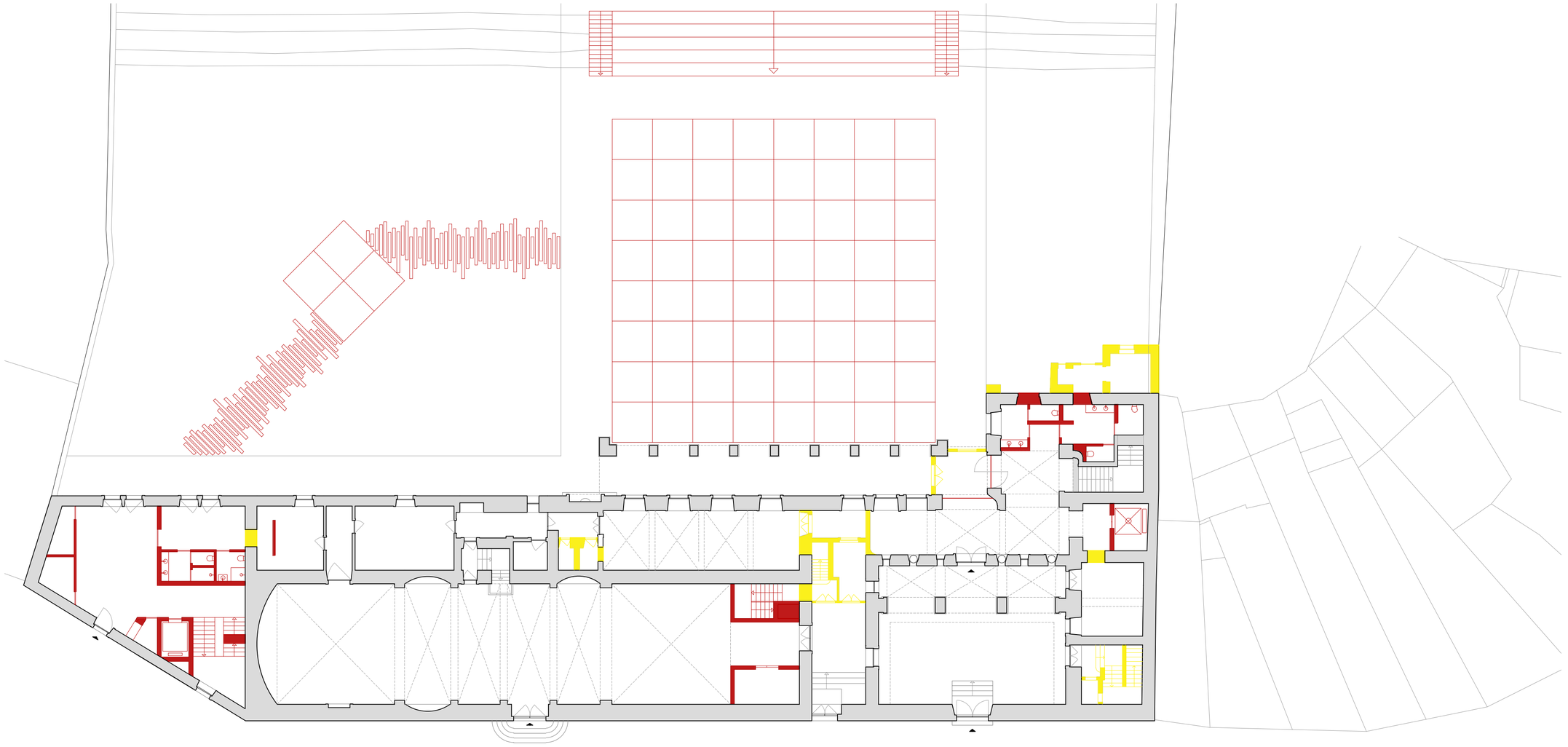
10

0 1 2.5

junho de 2026







a demolir
a manter
a construir

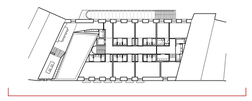
Autor | João Miguel Rodrigues Pereira
Peças Desenhadas | Convento das Dominicas

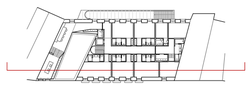
# Vermelhos e Amarelos

11

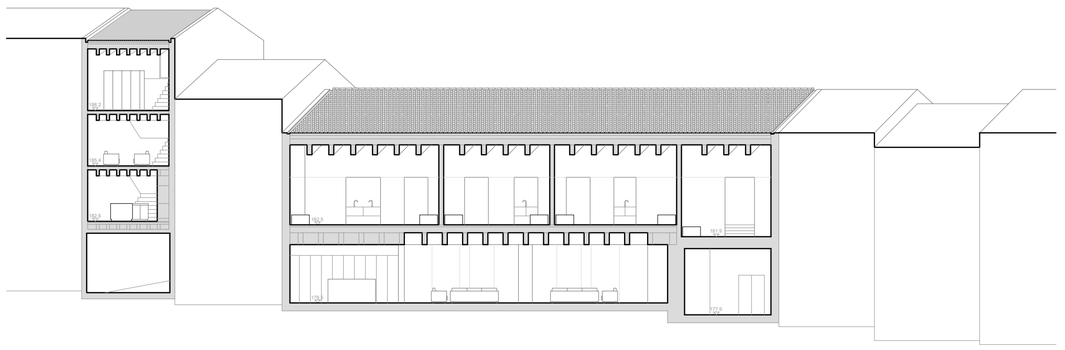
0 2 10

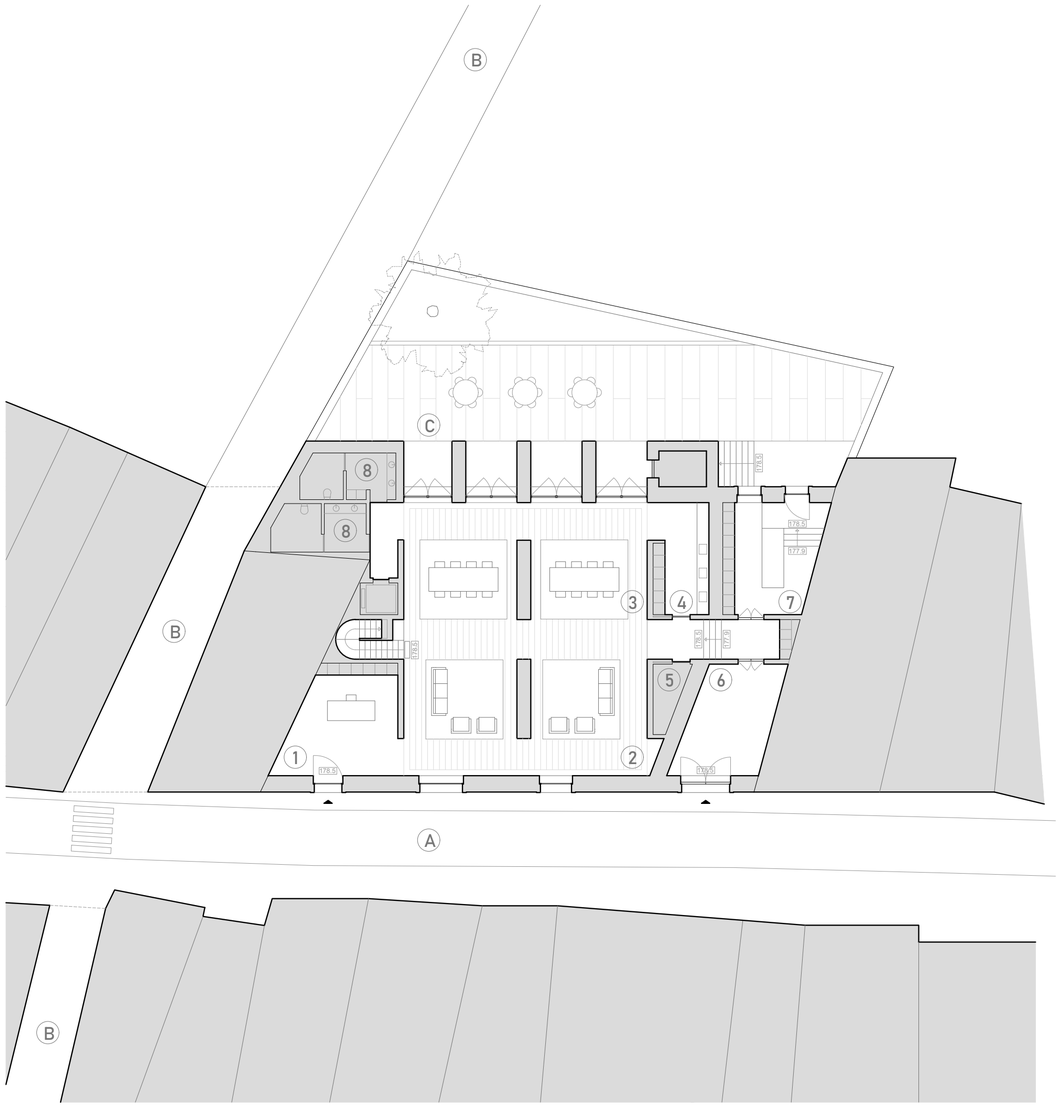
junho de 2026

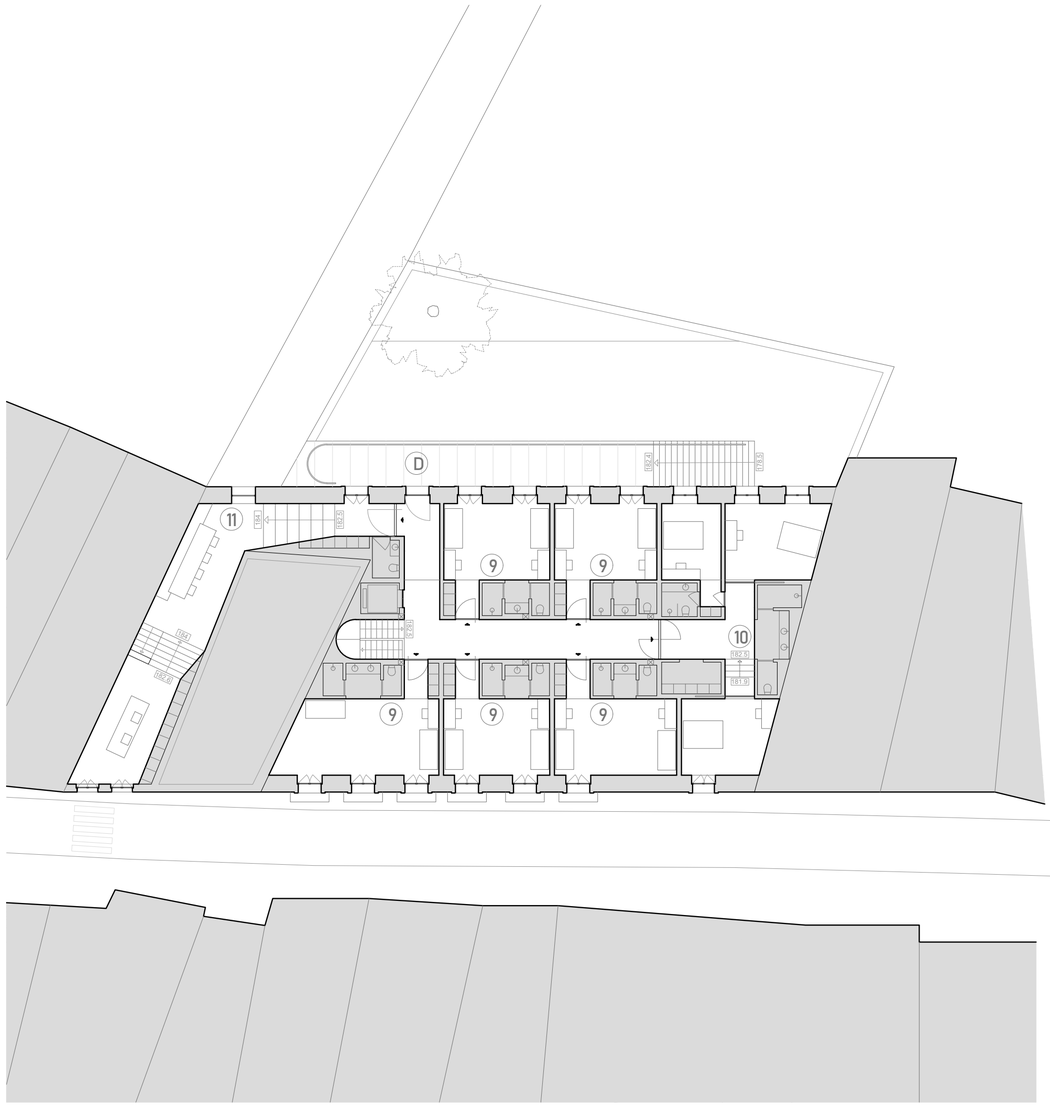











Rua da Liberdade A
Ligação pedonal Parque Camões - Campo da Feira B
Logradouro C
Galeria elevada D

Receção 1
Sala de estar 2
Sala de refeições 3
Cozinha 4
Área Técnica 5
Cargas e Descargas 6
Lavandaria 7
Instalação Sanitária 8

Quarto Duplo 9
Quarto Triplo 10
Apartamento 11

Autor | João Miguel Rodrigues Pereira
Peças Desenhadas | Casa da Liberdade

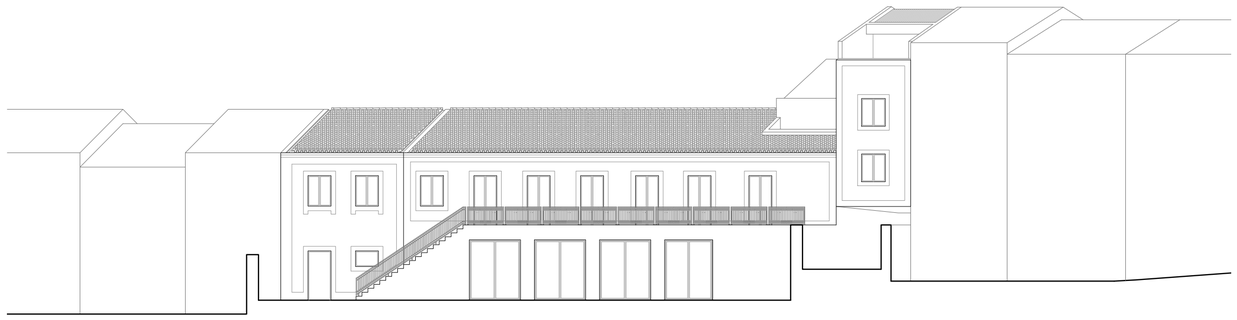
# Alçado da Rua | Secção Longitudinal
# Planta de Nível 0 | Planta de Nível 1

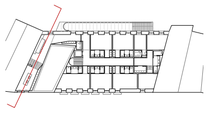
12

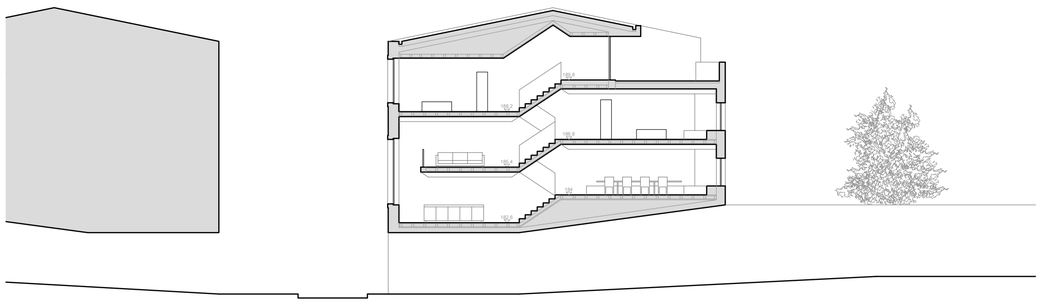
0 2 10

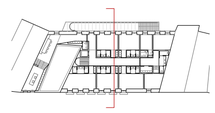
junho de 2026

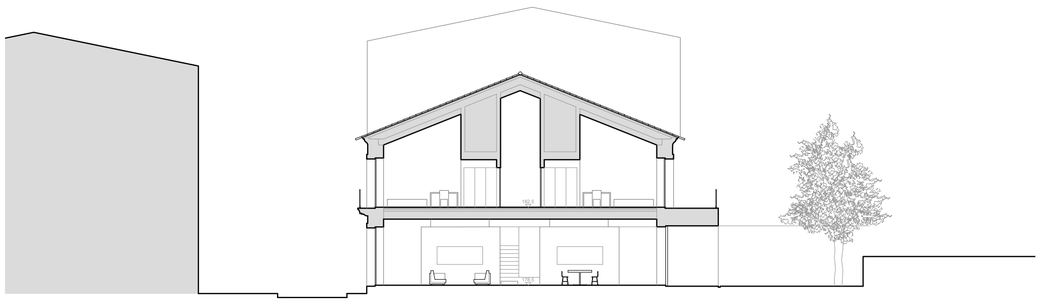
N











Autor | João Miguel Rodrigues Pereira
Peças Desenhadas | Casa da Liberdade

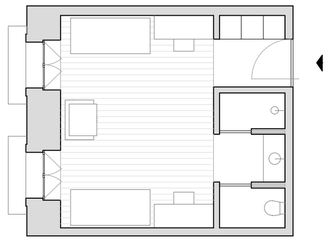
# Alçado Tardoz
# Secções Transversais

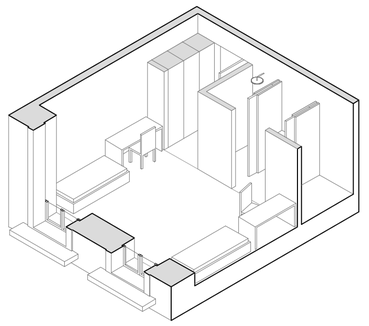
# 13

0 2 10

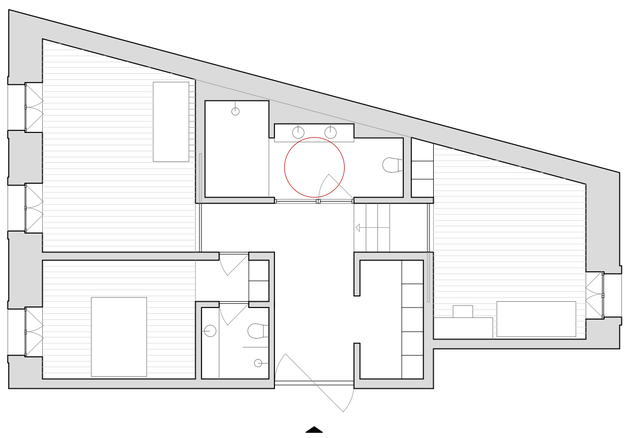
junho de 2026

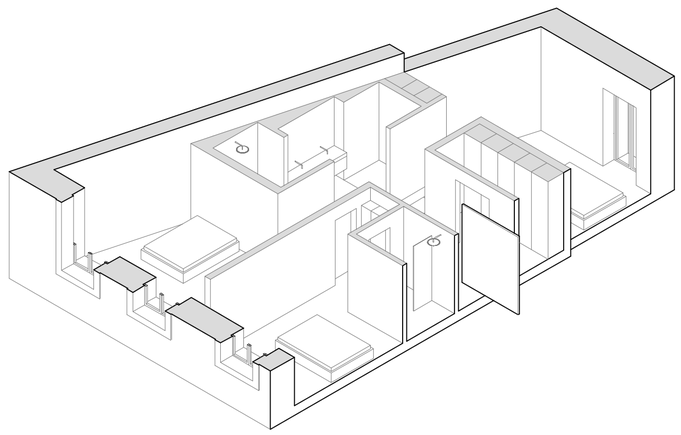
# A





# B





Autor | João Miguel Rodrigues Pereira
Peças Desenhadas | Casa da Liberdade

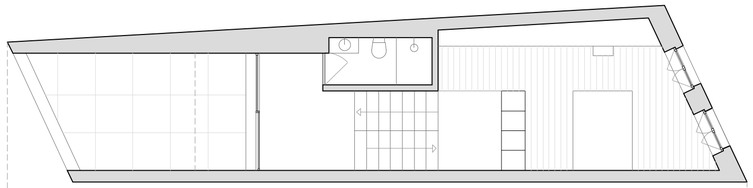
Tipologias A e B

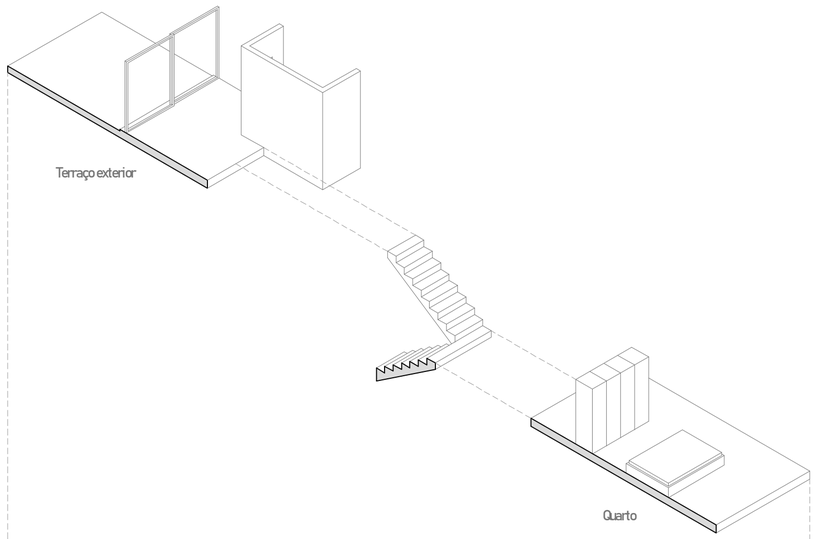
14

0 1 5

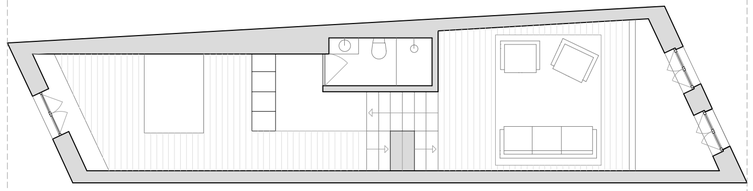
junho de 2026

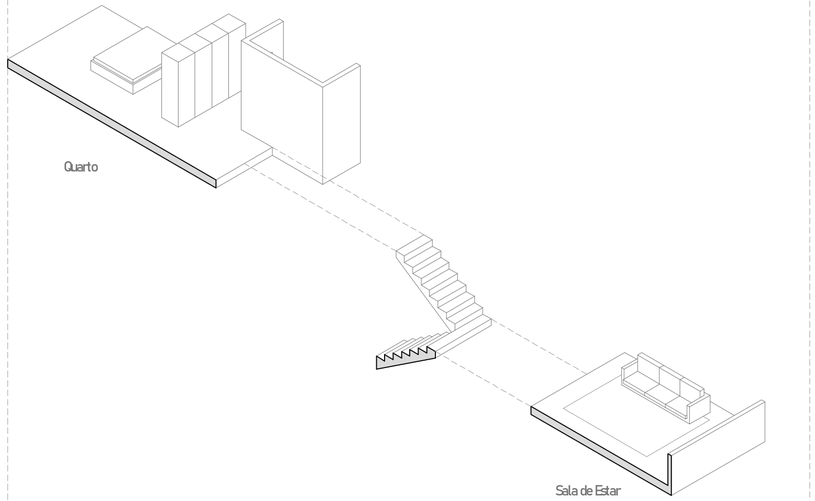
Planta Nível 2



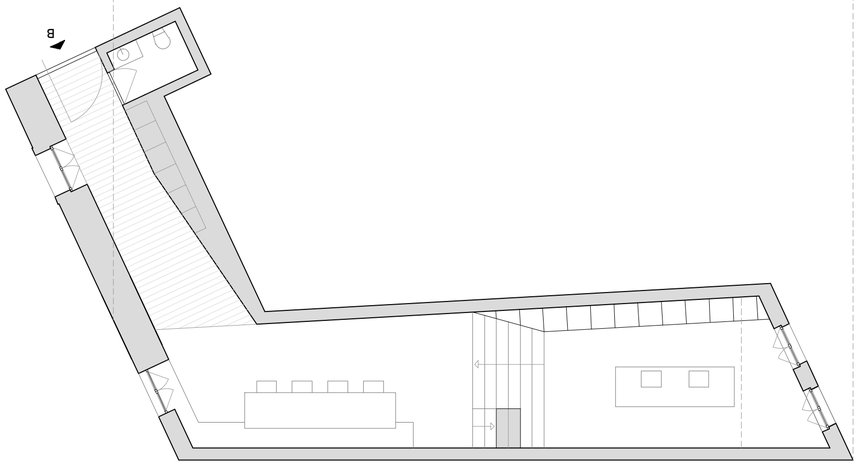


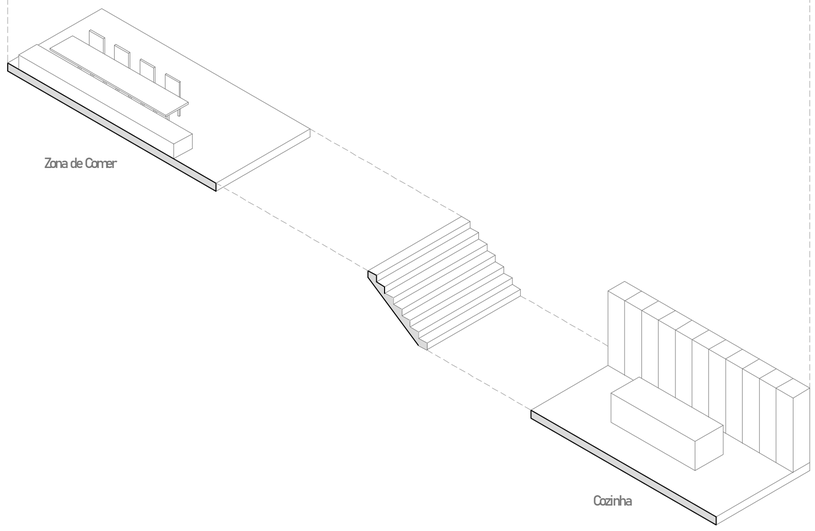

Planta Nível 1






Planta Nível 0




C

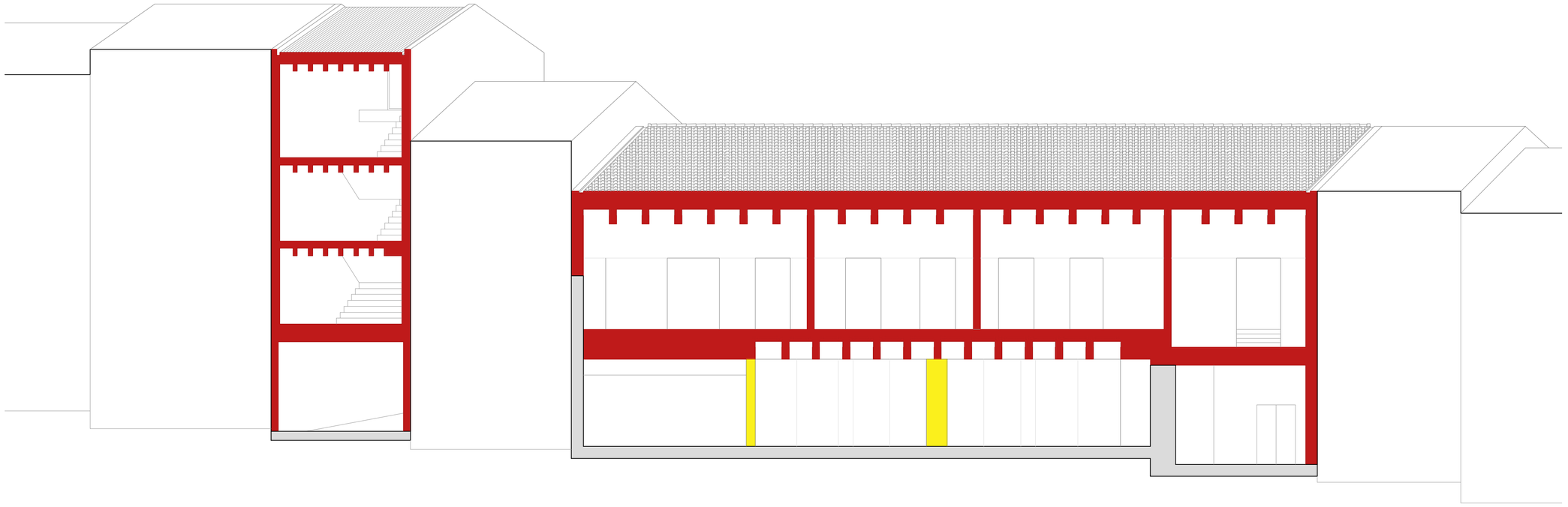
Autor | João Miguel Rodrigues Pereira
Peças Desenhadas | Casa da Liberdade

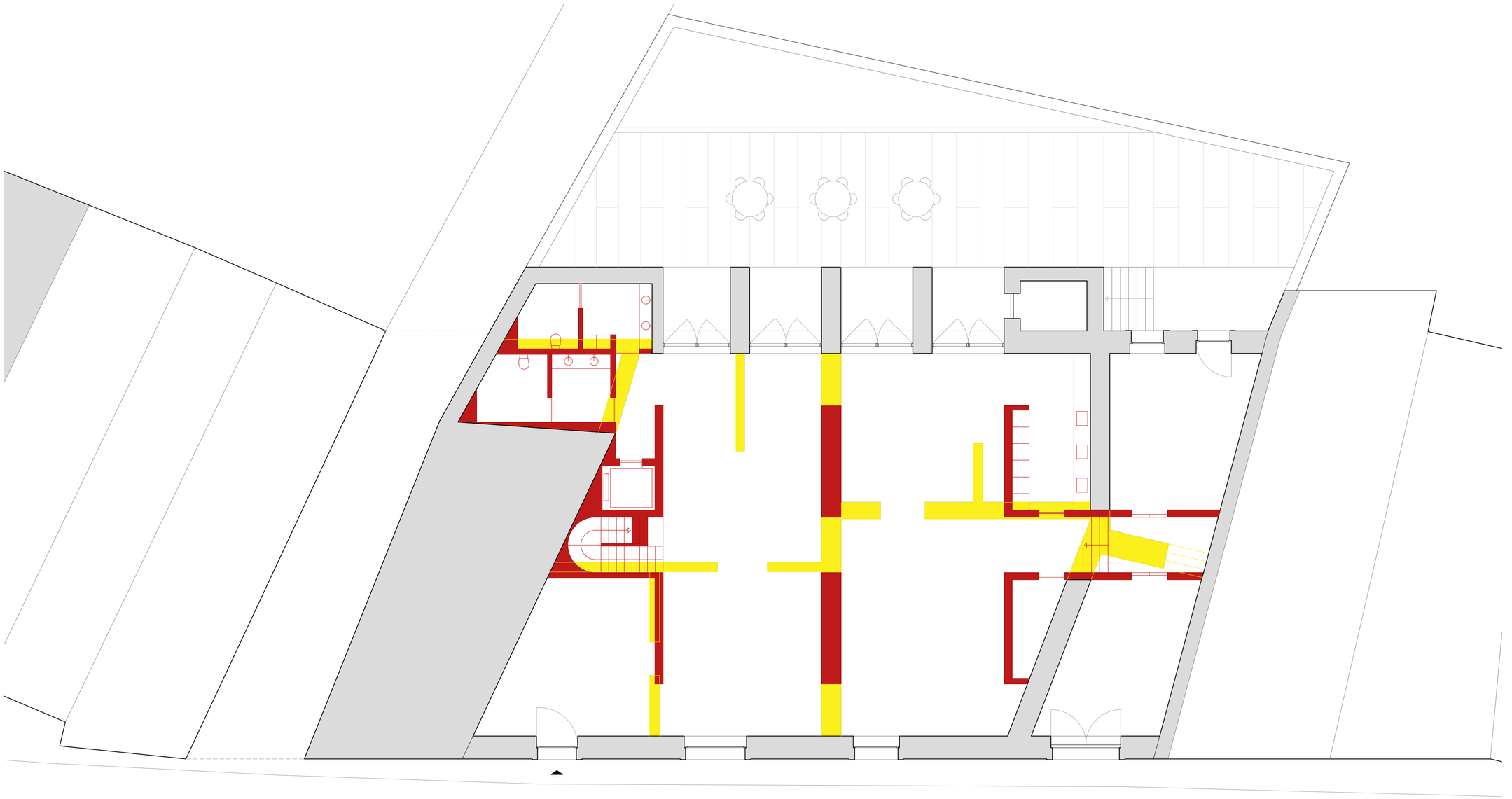
Tipologia C - Apartamento

15

0 1 5

junho de 2026





a demolir
a manter
a construir

Autor | João Miguel Rodrigues Pereira
Peças Desenhadas | Casa da Liberdade

# Vermelhos e Amarelos

16

0 1 5

junho de 2026